

Revista de Espiritismo

PUBLICAÇÃO BIMESTRAL

ÓRGÃO DA FEDERAÇÃO ESPÍRITA PORTUGUESA

Metapsíquica - Esoterismo

Hipnomagnetismo - Ética

SUMÁRIO:

- O homem árbitro do seu Destino — (O PODER MENTAL E O KARMA)
— J. A. MANIQUE DE ALBUQUERQUE.
- Prolegómenos Astrológicos — ZANELLI CALDAS.
- Experiências Metapsíquicas — MADALENA FRONDONI LACOMBE.
- Naturismo — DR. AMILCAR DE SOUSA.
- O Simbolismo da Mitologia — FERNAND'ALMIRO.
- Um caso inesperado de identificação espírita — ANTÓNIO L. VILELA.
- A Alma Humana — (NEO-PSIQUISMO EXPERIMENTAL) — DR. A. J. FREIRE.
- Allan Kardec — A COMISSÃO DIRECTIVA.
- Esclarecendo — A DIRECÇÃO DA FEDERAÇÃO ESPÍRITA PORTUGUESA.
- Congresso Internacional de Espiritismo.
- Milagre e Acaso — ANTÓNIO L. VILELA.
- Crónica Estrangeira — (RADIAÇÕES PSÍQUICAS) — PEDRO CARDIA.
- Vozes do Além — (COMUNICAÇÕES MEDIANÍMICAS).
- Factos Supranormais.
- Noticiário.



Redacção e Administração:

RUA DA ASSUNÇÃO, 58
LISBOA
PORTUGAL

Número avulso 3\$00

Revista de Espiritismo

Metapsíquica - Esoterismo

Hipnomagnetismo - Ética

ÓRGÃO DA FEDERAÇÃO ESPIRITA PORTUGUESA

Administradores: { *Vasco Infante da Camara*
Raul Zagalo Fernandes

Redacção e Administração: RUA DA ASSUNÇÃO, 58 — **LISBOA**

Comissão Directiva: *Dr. Afonso A. Martins Velho — Dr. António J. Freire — António L. Vilela.*

Secretário de Redacção: *Pedro Cardia.*

Redactores: *D.^{ra} Amélia Cardia — D. Maria O'Neill — D. Madalena Frondoni Lacombe — Dr. Carneiro de Moura — Dr. João Antunes — Dr. Évora Macedo — Dr. Amílcar de Sousa — Capitão A. Carnell — Prof. Arantes Pereira — Engenheiro José A. Manique de Albuquerque — Joaquim Quintela Paixão — Manuel Cavaco — Ramiro Guedes de Campos — Fernando Almiro N. Vale — Carlos dos Santos Paiva — José M. Pereira Bravo — Capitão de Fragata Severiano Ivens Ferraz — Capitão José B. Pinto da Silva — Capitão Augusto da Silva Flores — Capitão Eurico de Castro Zuzarte — Tenente Manuel Caetano de Sousa.*

ASSINATURAS

Portugal Continental, Ilhas e Espanha... (escudos)	15\$00
Colónias Portuguesas..... (»)	20\$00
Brasil..... (moeda brasileira - réis)	10\$000
Estrangeiro (Para todos os outros países) (francos franceses)	30

As assinaturas são anuais e pagas adiantadamente

DEPOSITARIOS

LISBOA — LIVRARIA AILLAUD & BERTRAND — Rua Garrett, 73-75

PORTO — LIVRARIA MOREIRA — Praça da Liberdade, 44

COIMBRA — LIVRARIA COIMBRA EDITORA, L.^{DA} — Rua Ferreira Borges

BRASIL — Agente Geral: Sousa do Prado - Rua General Roca, 21 - RIO DE JANEIRO

Este número foi visado pela comissão de censura de Leiria.

Revista de Espiritismo

Orgão da Federação Espírita Portuguesa

O homem árbitro do seu Destino

(O Poder Mental e o Karma)

Poder Mental! Parece que só o enunciado desta vigorosa expressão nos faz vibrar de entusiasmo e de esperança, inculcando novas energias no espírito até então desalentado perante as cadeias kármicas que o acorrentam à matéria.

Poder Mental! Palavras mágicas que em si encerram o cumprimento de uma promessa divina de que foi Cristo o arauto :

« *Pedi e recebereis* » ; « *buscai e achareis* » ; « *batei e abrir-se-vos há* ».

Homens de boa vontade : tirai a venda dos olhos. Não blasfemeis, apodando de injustos os desígnios do Todo-Poderoso. Não tenteis julgar a Omnisciência. Recordai as palavras do apóstolo Paulo : « *A loucura de Deus é mais sábia do que a sabedoria dos homens* ». Abri os olhos à luz ; e então encontrareis a chave do enigma da existência terrena, tão cheia de aparentes injustiças...

Sendo a Lei Kármica portadora da expiação, é simultaneamente lei de Justiça e lei de Amor. Só ela, quando bem compreendida, nos justifica a Dôr dos humanos — depuradora da alma e precursora da libertação do ego incarnado.

O espírito que faliu, ao fazer mau uso dos poderes que inicialmente lhe haviam sido conferidos, cai, justamente, sob a alçada do Juízo de Deus ; expressão esta que de modo nenhum significa possuir Deus a inflexibilidade de um Juíz austero, pois que, como diz João o evangelista, « *o Pai a ninguém julga* » ; mas antes indica a consequência lógica do desvio das Leis Eternas e Imutáveis : « a ausência do progresso » ; « a luta sem resultado em que o espírito permanece enquanto não toma o propósito firme de renunciar ao mal ».

Deus não é, portanto, um Juíz, na acepção humana do termo ; mas antes um Pai extremoso, que faculta a todos os seus filhos bem amados o regresso à Senda que os há-de levar à Glória. De facto, por mais que o homem se encontre manietado pelas cadeias kármicas, pode, *desde já*, começar a solver as dívidas acumuladas, desde que se esforce por adquirir um bom karma germinativo, o qual, sob a orientação do karma do ideal, se sobreporá ao karma inato, modificando-o favoravelmente ao nosso progresso, e organizando, assim, em melhores bases, o karma de carácter na próxima reencarnação. ⁽¹⁾ Para atingir êsse objectivo, cujo alcance é desnecessário encarecer, basta que o homem aprenda a manejar essa potentíssima alavanca de progresso que se chama o Poder Mental.

— Que maravilhosa fôrça é esta ? Onde se encontra ? Que efeitos produz e de que aplicações é susceptível ?

O Pensamento constitui a própria essência do Universo : O Universo é Men-

(1) Vêr sôbre a classificação do Karma o artigo do sr. Dr. António J. Freire, na « Revista de Espiritismo » ano I, n.º 4.

tal. A Ciência contemporânea, de acôrdo com a Sabedoria Hermética de todos os tempos, afirma pela voz dos seus arautos mais categorizados :

« *A mente scintila em todos os átomos! Há mente em todas as coisas : não só na vida humana e animal, mas ainda nas plantas, nos minerais, no espaço !* » (Flammarion).

« *A vida é potencial na matéria* ». (Dr. Saleeby).

« *A mente enche todo o espaço, está imanente em todas as coisas, manifestando-se numa infinita variedade de formas, graus e fases* ». (Atkinson).

« *Tôda a vida do nosso planeta está justamente na periferia de um infinito oceano de fôrça* ». (Luther Burbank).

Podemos assim, em face do testemunho dos nossos sábios, concluir com Flammarion : « *o Universo é um dinamismo mental* ».

Reconhecida a universalidade dêsse poder, vejamos qual o papel e a importância que lhe devemos assinalar em face da Religião-Sciência. Para nós, neo-espiritualistas, essa Mente Universal — poderosíssima alavanca com cujo auxílio o homem dissipa as trevas da ignorância e atinge altos graus de conhecimento que lhe permitem obrar prodígios — para nós essa Mente é o próprio Deus em uma de suas múltiplas manifestações : é Deus em visibilidade.

Vejamos, em primeiro lugar, o testemunho da ciência contemporânea, começando pelos primórdios dos organismos.

Sabemos como a célula geratriz contém o embrião do futuro sêr. Ora a célula é formada de moléculas; estas de átomos, não sendo estes mais do que elementos químicos dispostos a constituir uma determinada estrutura. Deduz-se que, derivando o futuro sêr dêsses elementos, e sendo êle dotado de maior ou menor grau de inteligência, a mente deve logicamente encontrar-se em tais elementos químicos. Mas a evidência aumenta ainda, se à luz das modernas descobertas científicas decompuermos os átomos nas suas unidades elementares : os iões ou sub-átomos radiantes, devendo assim considerar-se a matéria como electricidade em movimento, ou mesmo identificá-la com o éter, segundo a concepção de Gustave Le Bon.

Se no homem e nos animais superiores as manifestações da mente são por demais evidentes, não deixam elas também de se manifestar nos reinos vegetal e mineral. De facto, não só as plantas manifestam certas tendências particulares (que aliás se poderiam filiar no instinto), como também, por vezes, uma acção electiva, que indica a presença de uma mente consciente. E, por fim, as recentíssimas descobertas efectuadas no Instituto Científico de Calcutá pelo sábio hindú, Chandre Bose, acabaram de derrubar as fronteiras que a ciência materialista assinalara aos reinos animal e vegetal; pois que chegou êle a constatar a existência nas plantas, de um perfeito sistema nervoso, bem como de um órgão propulsor da circulação.

Por outro lado, ¿ não é certo que as plantas assimilam da terra os princípios minerais de que se nutrem, assim como recebem, do ar, pelas funções respiratória, e assimiladora do carbono, outros princípios necessários à vida? ¿ Não é verdade que a vitalidade das plantas se mantém à custa da chamada matéria mineral?

Parece poder concluir-se que êsses princípios minerais assimilados contem em si o gérmen da vida.

Mas a distinção entre a matéria orgânica e inorgânica ainda mais se atenua desde que se constatou nos cristais processos de desenvolvimento, indicando uma acção electiva e inclusivamente rudimentos de sexualidade. Os próprios metais dão respostas a certas acções exteriores que mostram uma vida e consciência rudimentares. ¿ Não serão manifestações da mente em plena matéria mineral? De resto, a transformação do mineral em matéria viva, na nutrição animal e vegetal, mais uma vez se comprova.

Podemos então concluir que a Natureza é essencialmente una, que é viva e possui o poder mental, podendo considerar-se a mente e a vida como aspectos diferentes de uma única realidade fundamental.

Vejam agora o testemunho do neo-espiritualismo contemporâneo; procuremos dentre as afirmações do Cristo do nosso planeta passagens que nos ilucidem nesta matéria: no versículo 24 do IV cap. do evangelho de S. João deparam-se-nos estas palavras de Jesus: «*Deus é espírito, e os que o adoram, em espírito e verdade, é que o devem adorar*».

E esta passagem, à luz da nova Revelação, é assim elucidada:

«*Deus é inteligência, e a inteligência não tem forma palpável.*

Deus é pensamento, e o pensamento não pode ser tocado.

Deus é fluido e é ao mesmo tempo infinito; por conseguinte não tem corpo que o circunscreva.

Deus é espírito, no sentido de que todo o princípio inteligente emana da suprema inteligência.

Deus é inteligência, pensamento, e como tal criador incriado

Sob esse duplo aspecto é que êle é a essência de toda a vida».

(Vêr Roustaing — «*Revelação da Revelação*» — vol. IV — pag. 176.)

Concluimos, em face do exposto, que a vida e o pensamento são meros aspectos da Grande Realidade Onnipotente, Onnipresente e eternamente Beneficente. E' a esta fonte inexaurível de poder, encerrando potencialmente a satisfação de todos os desejos e anseios do espírito, que se aplicam as palavras do Cristo, Senhor Nosso: «*Pedi e recebereis. Buscai e achareis. Batei e abrir-se-vos há*», as quais traduzem a promessa solene de que Deus é, para todos os impulsos do coração, uma fonte de infinito suprimento.

Eis o que é o Poder Mental.

* * *

Vejam agora de que uso é susceptível e que efeitos lhe correspondem.

Nenhum adepto do Espiritismo tem dúvidas àcerca do pensamento como realidade objectiva. Sabe, além disso, que na criação das formas-pensamento se traduz a actividade do espírito.

Passaremos a dar, resumidamente, uma idéa da sua génese.

Começamos por assistir à formação de uma imagem mental, que fica indissolúvelmente ligada à consciência do seu criador. Trata-se de uma forma subtilíssima de matéria vibrante: *o verbo* já expresso em pensamento, mas não em corpo. Esta imagem mental é a determinante do karma pessoal que liga entre si dois períodos de existência. Pode permanecer durante algum tempo como que adormecida — karma latente —; ou, pelo contrário, ser despertada — karma dinâmico ou explosivo.

As vibrações mentais da imagem repercutem-se na matéria mais densa do plano astral; daí o constituir-se uma forma-pensamento formada por matéria desse plano, a qual vai ser animada por *energia elemental*, tornando-se assim numa entidade viva, sempre em relação com o seu criador.

Como um íman, o homem constantemente atrai do plano astral que o cerca, formas-pensamentos estranhas, de natureza similar às suas próprias — semelhantes pelos elementais que as animam — o que tudo representa um refôrço considerável de energia a induzir nas suas criações mentais pessoais. Estas, por sua vez, reagem sobre o seu criador, levando à aquisição do hábito de pensar num determinado sentido. E' por este mecanismo que, em tórno do homem, se constitui um mundo característico de pensamentos individuais, e que se denomina o seu karma individual, inato ou de carácter.

Enquanto se não extingue a energia elemental que as anima, essas formas-pensamentos actuam incessantemente sôbre o seu criador; e assim o karma se torna o verdadeiro agente da formação do carácter.

Compreende-se como para o espírito desincarnado — que por carência do corpo físico não pode saciar os seus mais que nunca imperiosos apetites — deve ser penoso êsse lento processo de degradação das formas-pensamentos de baixa natureza. Mas êsse inferno foi êle próprio quem o criou, determinando-lhe inclusivamente a intensidade e a duração. E, no entanto, é essa dolorosa expiação que o liberta do pesado fardo kármico, evitando-lhe entrar na próxima reencarnação completamente predisposto para êsses baixos pendores, retardando assim, indefinidamente, a sua evolução.

Bem dita a Dôr da expiação! Só ela depura e liberta a alma, manietada pelas prisões da matéria. Bem dita a Presciência de Deus!

Mas — atentemos bem neste facto: ¿ não poderá o homem evitar, ao menos em parte, um tão doloroso processo de depuração? ¿ Não poderá êle atenuar sensivelmente êsse período de expiação sem iludir as eternas leis da Causalidade? Pode sim, e utilizando-se desta mesma Lei: passando, desde já, a seleccionar rigorosamente os seus pensamentos — que sempre existem por detrás de todas as acções conscientes —; ou, por outras palavras, construindo o seu Karma de Ideal.

Vejamos como:

O Obreiro do Ideal deve atender a que a eficácia da sua tarefa é função dos seguintes factores:

- 1) as qualidades pessoais do architecto;
- 2) o meio em que actua;
- 3) a perfeição do arquetipo;
- 4) a natureza dos materiais;
- 5) o método de trabalho.

São condições de que depende todo e qualquer progresso.

Para o caso que particularmente nos ocupa, temos as seguintes correspondências:

- | | |
|---------------------------------------|---------------------------------------|
| 1) qualidades pessoais do architecto: | } Educação Pessoal |
| 2) o meio em que actua: | } Karma de carácter do indivíduo |
| 3) a perfeição do arquetipo: | } Faculdade de Visualização |
| 4) a natureza dos materiais: | } Selecção Mental |
| 5) o método de trabalho: | } A lei a seguir; o caminho a trilhar |

Tomemos, de per si, cada um dêstes 5 fundamentos:

1) **Educação Pessoal** — O sistema de Educação Integral, tal como se ministrava nos institutos pitagóricos, leva ao máximo grau de aperfeiçoamento, portanto de potencialidade produtiva, a personalidade humana: o instrumento de progresso para o espírito sujeito às reencarnações.

O candidato à perfeição começa por prescrutar o seu próprio temperamento — « *Conhece-te a ti mesmo* »: tal era o primeiro conselho dado pelo Sábio ao homem que aspirava a transpor o umbral do Templo do Saber. E' que, residindo em nós próprios as causas de nossos fracassos, só pelo conhecimento próprio poderão estes ser evitados.

E' então que iniciará pròpriamente a Educação Integral, de natureza tripla, conforme o quadro seguinte:

I — Educação da Mente	{	Cultura da Atenção e da Memória Aplicação do Pensamento à dinamização da Vontade
II — Educação do Subconsciente	{	Domínio próprio
III — Cultura física pelos agentes naturais :	{	Ar puro Luz solar Água fria Repouso e Movimento Alimentação pura

A Atenção é a chave de todo o desenvolvimento mental, permitindo a observação e percepção; e o único processo de desenvolver a Memória — a mais útil das nossas faculdades, porque é condição de todo o progresso.

A Atenção e a Concentração, depois de desenvolvidas pela prática do monoidéismo, aplicam-se à dinamização da Vontade — a mais elevada manifestação do ego, traduzindo o seu poder e liberdade.

Conhecido o nosso temperamento, a vontade desenvolvida permite-nos dominar as nossas emoções e paixões. Obtido o Domínio Próprio, chave de todos os poderes, o ego incarnado conseguiu a sua máxima vitória.

Finalmente, a educação naturista facilita todas estas operações, afinando o instrumento físico de que o espírito poderá tirar maravilhosos acordes.

2) O « meio » — Alusão ao ambiente kármico, mais ou menos semeado de obstáculos que se opõem ao progresso do ego, os quais formam o seu karma de carácter, como vimos.

Se as cadeias kármicas são fortes, deve o ego redobrar de esforços para as quebrar.

3) Faculdade de visualização — O melhor arquitecto é aquele que, antes de iniciar a obra, mais nítida e perfeitamente a visualiza.

Se queremos atingir um Ideal, cultivemo-lo e aperfeiçoemo-lo incessantemente, e desejemo-lo com ânsia: a imagem mental, assim constantemente reforçada, tende a materializar-se, pelo processo atrás descrito. O pensamento é verdadeiramente o pressentimento da realização e o seu arquétipo.

Inúmeras são as directrizes que podemos seguir na construção do nosso Ideal, que depois havemos de usufruir no mundo-céu, após cada desencarnação; mas todas se podem englobar no culto fervoroso do Bem e do Belo, conforme as leis divinas do Amor e da Harmonia.

4) Selecção Mental — Uma vez que é pelo jôgo do pensamento que o homem constrói para a eternidade, intuitivamente se impõe a mais rigorosa selecção de materiais, por completo excluindo, não só os « *maus* » pensamentos, como ainda os negativos e ociosos, os quais só servem para nos forjar novas cadeias kármicas, ou fortalecer as antigas. Por isso seleccionemos continuamente, tendo sempre em vista o Melhor.

5) A Lei e o Caminho — O único método de trabalho, que o construtor do Ideal terá fatalmente de seguir para atingir o seu objectivo, acha-se subordinado à Lei Kármica, que condiciona todo o Progresso, e que nos mostra como, para as reencarnações futuras, se converterão:

- 1) as aspirações em capacidades;
- 2) as experiências em sabedoria;

- 3) as provas árduas em consciência;
- 4) os pensamentos repetidos em tendências; donde a necessidade de:

- 1) cultivar um Ideal;
- 2) agir;
- 3) lutar;
- 4) bem pensar.

Por outro lado, o Caminho é-nos indicado por estas palavras do Cristo:

« *Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida. Ninguém vai ao Pai senão por mim* » (S. João Ev. XIV — 6), cuja interpretação, em espírito e verdade, é como segue:

« E' o caminho pela moral que prègou e que personificou pelos seus ensinamentos e exemplos. E' a verdade, porque é o órgão directo de Deus . . . E' a vida, porque progredindo e purificando-se mediante a prática da moral que êle prègou . . . o espírito, separando-se do corpo material, encontra-se liberto da morte espiritual representada pelas trevas da inteligência, liberto da expiação ». (Roustaing — *Revelação da Revelação* — vol. IV — pg. 393, 394).

Tais são as condições necessárias à perfeita construção do karma de ideal. Sobretudo não esqueçamos que para alcançar a glória que o amor divino a todos reserva, é absolutamente necessário combater e lutar: concentrando, seleccionando e sublimando até ao infinito todo o nosso prodigioso Poder Mental.

J. A. MANIQUE DE ALBUQUERQUE

Pedimos a todos os nossos prezados Confrades e Leitores que tenham conhecimento de fenómenos supranormais inéditos, acontecidos em Portugal, Ilhas ou Colónias, devidamente comprovados, o obséquo de nos enviarem um relatório minucioso e claro, indicando as pessoas de respeitabilidade que os possam autenticar, a-fim-de iniciarmos a publicação, nesta Revista, dêste interessante inquérito português.

A Comissão Directiva

Prolegómenos Astrológicos

Excelsa sabedoria foi, decerto, a daqueles que, nas velhas idades, auscultando as palpitações vitais do micro e do macrocosmo, descobriram a fenomenologia magneto-psíquica inter-antropo-cósmica, constituinte da Astrologia.

A tais augustas inteligências, sem dúvida, não escapara que a disparidade das formas é somente ocorrência no conspecto extrínseco dos seres, por isso que todos êles resultam de um mesmo princípio psico-físico, de cujo influxo unitário decorre, imperativamente, a co-relação e assimilação essenciais dos indivíduos, em que pese à sua evolução polimórfica.

Em-virtude-de o que êste asserto estabelece pôr em pé de similitude original a Matéria e o Espírito, razoável se nos torna admitir o princípio fundamental astrológico, de que os astros influem no carácter e no destino dos homens.

Efectivamente, se se considera que o nosso sistema solar, por exemplo, é um vasto campo magnético, uma formidável zona de indução onde gravitam os mundos — esferas electrizadas por força do perpétuo movimento dos seus constituintes materiais ;

se se considera que a Matéria é uma só, quer perfaça a contextura de um fragmento de rocha ou ferro, quer a de uma chama ígnea, a de um bafejo de brisa, a de uma pétala de flôr ou a do corpo de um homem ;

se se considera ainda que as energias intra-atômicas dos nossos agregados moleculares, emprestando aos mesmos especial sensibilidade para os fenómenos electro-magnéticos do influxo dos astros sôbre a Terra, determina a actuação do corpo sôbre o perispírito ;

se se considera mais a receptividade impressional específica do perispírito, cuja existência já não é mais mera concepção filosófica, porém indiscutível realidade científica, na opinião e expressão autorizadas de Delanne ;

e se se considera, alfim, que o Espírito — o polo magnético mais sensível e potente — é o magno operador da Consciência, que por milagre de tremendas dinâmizações transforma em pensamentos e idéas, na luz da Inteligência, finalmente, as impressões recebidas,

— é natural se conclua, com a segurança das soluções matemáticas, que os astros influem na forma de pensar, de agir, em suma nas acções dos homens à face da Terra. E não é doutrina abstrusa semelhante concepção, por isso que a ninguém escapa o quanto as impressões externas affectam o Espírito.

Uma notícia má suspende a operação digestiva do estômago, paraliza o coração, produz cefalalgias.

E também se não contesta que um homem com êsse mal, essa impressão física provinda de uma influência externa, perca a alegria, torne-se neurasténico e passe a vêr tudo pelo prisma do pessimismo — reflexos de impressão espiritual.

Marden, o sábio e moderno espiritualista, ensina que *as más condições físicas affectam a harmonia mental e provocam a discórdia mental*. E vai, até, mais longe, afirmando que *a saúde e o pecado são inimigos naturais*.

William Matteis, outro sábio, estabelece que *90 % do mau humor, de impaciência e de melancolia proveem de uma saúde má*.

Ora, sabe-se que da variabilidade da densidade e volume dos astros, nossos companheiros de evoluções siderais, redundam a diferenciação das suas possibilidades indutivas ou de electro-magnetismo.

Sabe-se, também, que êles se atraem conformemente à razão directa das suas massas e à inversa do quadrado das distâncias que os separam (lei de Newton), o que demonstra, positivamente, as suas virtudes mecánicas no concôrto dos corpos no Universo, tanto que por influxo luno-solar se operam os fenómenos das marés.

E como por seqüência lógica da adopção de tais estatutos científicos pode concluir-se que a influência dos astros sobre os homens — corpo e mente — é vária, consoante a sua massa, volume, posição zodiacal, etc., é esdrúxulo o preconceito que relega à condição de ciência empírica o formidável conjunto de observações e princípios perficientes da Astrologia.

No Espiritismo, mesmo, se ensina que os espíritos, nos seus *avatars*, são atraídos pelo meio.

E' a lei de atracção dos *similes*.

¿ Como e porque, porém, se dá a manifestação dessa lei nos espíritos que necessitam reincarnar ?

Para o facto, uma só explicação existe, que nenhum argumento contrário realmente destrói : é que as disposições kármicas, em que êsses espíritos se puseram, colocaram o seu corpo perispiritual nas mesmas condições magnéticas da fase astral correspondente às vibrações co-relatas dos seus pensamentos, que geram suas disposições morais, que geram seus instintos, que geram seu carácter, que geram as suas possibilidades de acção e que geram, enfim, o seu futuro, na ordem de sucessão aqui estabelecida.

Assim, haverá, se houver, da parte da Astrologia, apenas um lapso : confundir a adaptação do Espírito às condições astrais da hora do nascimento, com a influência dessas mesmas condições sobre o Espírito, ou seja : confundir o efeito com a causa. Isso não obsta, entretanto, a que nos seus fundamentos seja ela uma ciência muito verdadeira e muito profunda e que sofrendo embora as restrições inerentes à falibilidade humana, contenha no seu bôjo o mistério dos renascimentos e a chave do futuro.

Ramo precioso da sabedoria oriental, que fundamentou as escolas científicas do poente, a Astrologia dominou no passado. Realmente, nos evos longínquos em que a Sabedoria representava a estirpe heráldica de maior valor, por isso que a não mesclavam os preconceitos e dogmas com que a desvirtuam e conspurcam os sábios de hoje — estudaram e praticaram essa ciência os maiores mestres do Pensamento, quer os que nas suas cogitações subiam aos santuários do Himalaia, quer os que, buscando solver o problema da Vida, desciam aos mistérios do coração da Esfinge.

Deram-se aos estudos astrológicos, também, Licurgo, Xenofonte, Ptolomeu, Berósio e outros numerosos sábios gregos e egípcios.

Tomás de Aquino, na sua « Summa Theologica », pág. 96, escreveu : *Astrologia et perspectiva sunt magis naturales quam mathematice materialiter sed principaliter et formaliter sunt e converso. — Astrologus potest proedicere futura determinata.*

De Balzac, há êste elogio valioso : *L'Astrologie... elle est une science immense, qui a régné sur les plus grandes intelligences.*

E para não abusarmos das citações, apenas apontamos Kepler, Tycho-Brahé, Newton, Laplace, Le Verrier, Secchi, Faye e Schiapparelli, entre outros, que não regatearam aos estudos astrológicos a sua atenção e a sua crença.

Parte integrante da escola ocultista, a Astrologia não tem merecido dos espíritos a consideração a que faz jus.

Não obstante, é nessa mesma escola que melhor podemos desdobrar os nossos conhecimentos, não porque nos falem, no Espiritismo, os precisos fundamentos, mas porque de semelhantes detalhes êle não trata com a necessária clareza e a precisa minudência.

Por isso mesmo entendemos que o Espiritismo é a Ciência Geral, enquanto o Esoterismo, que para ela trabalha, é a Ciência das Partes, a cujo cargo fica o estudo e desenvolvimento plenos das questões subsidiárias interessantes às duas escolas por fundo e finalidade irmãs.

Experiências Metapsíquicas

I

Entre a quantidade de experiências feitas durante anos, necessariamente umas são mais interessantes do que outras e conquanto continuemos a não saber explicar a verdadeira causa de tanto fenómeno, o interesse em descobri-la é cada vez maior. Serão espíritos ou não?... Serão exteriorizações do nosso pensamento que tomam forma materializando-se?... Não sabemos, somente afirmamos que os factos são autênticos. Não falamos das fraudes; já se sabe que tudo se fraudava neste mundo. Mas a moeda verdadeira é que inspira a falsa. No facto que vamos contar não podia haver simulação.

Foi no dia 23 de Março de 1914, pelas 9 horas da noite. Meu falecido marido, o engenheiro Léon Lacombe, assistiu a esta experiência, onde só estava o *médium*, uma outra senhora e eu. As portas foram seladas por meu marido. Depois de tudo bem observado, na sala, à vista de todos, lacrei uma caixa dentro da qual tinha colocado uma chapa esfumada, na esperança de que nela aparecesse impresso qualquer sinal.

A sessão foi feita com luz vermelha.

A-pesar-de nos terem comunicado por tiptologia que nessa noite a «Fôrça» era fraca, preparei da mesma forma os aparelhos fotográficos. Apenas instalados



Figura 1

e as mãos dadas, foi-nos logo imediatamente dado sinal para fazermos a luz do magnésio para a fotografia. Já com a luz do fósforo o *médium* exclamou: «*Mad, alguém está perto de ti*». (*Mad* sou eu). Efectivamente meu marido e a outra senhora viram uma sombra por detrás de mim, mas longe da direcção das objectivas fotográficas; depois foi colectivamente vista uma figura negra, no espaço entre o sofá e uma mesa grande, ao centro da sala. Esta aparição era primeiramente tão diáfana que se viam através dela os quadros suspensos na parede. Tornando-se depois opaca, passou em frente do piano fechado, sobre o tampo do qual estavam livros de música. A lâmpada vermelha sobre o piano permitia-nos constatar que este se conservava fechado. Não obstante, várias notas vibraram muito nitidamente. O fantasma continuou o seu caminho dirigindo-se para nós. Quando passou por detrás de mim aproximou-se do *médium* que se assustou muito. Pedi ao fantasma que se distanciasse e assim fez dando a volta à grande mesa e desapareceu. Logo

a seguir formas brancas passavam no ar em diferentes pontos da sala como fitas nebulosas.

Como mais nada se produzisse, fizemos luz, e eis o que se constatou :

Meu falecido marido abriu a caixa selada com sinais especiais que não tinham sido alterados e na chapa esfumada estava traçado um A e um K, como o demonstra a gravura n.º 1.

Nas chapas fotográficas, uma só estava impressionada pelas tais fitas luminosas que o leitor pode igualmente examinar na gravura n.º 2.

Supomos que estas iniciais queiram dizer Allan Kardec. Esta chapa, como já disse, foi fechada numa caixa que lacrei, em plena luz, diante de todos e sem que ninguém o percebesse pus-lhe sinais especiais no lacre. A caixa foi aberta por

meu marido depois de eu examinar se os sinais não tinham sido alterados. Não podia portanto haver fraude.

Não pudemos explicar porque é que os fantasmas que vimos tão nitidamente não se deixaram fotografar. Foi-nos dito por tiptologia que tinha sido para poupar forças a-fim-de produzirem o fenómeno das iniciais na chapa.

Ainda que fora da nossa compreensão, estas coisas são factos verídicos, mas assim como ao cego não se pode explicar a luz, por lhe faltar um sentido, o mesmo se deve dar conosco;

falta-nos talvez um sexto sentido para atingirmos a causa desses interessantes fenómenos, que são por vezes verdadeiramente maravilhosos!...

Continuaremos a relatar factos interessantes e devidamente fiscalizados, o que os torna autênticos. Devemos sempre temer a fraude. Existe uma tendência nos seres humanos de desejarem desnaturar a verdade das coisas. Nos *médiuns* então é vulgaríssimo. O que o investigador consciencioso tem a fazer para verificar com segurança estes fenómenos é pôr o *médium* e os assistentes em condições de não poderem fraudar, nem uns, nem outros. Estes fenómenos merecem bem ser estudados, especialmente porque tudo leva a crer que eles são provocados pelos seres que deixaram a Terra.

Lisboa.

MADALENA FRONDONI LACOMBE



Figura 2

Naturismo

Uma doutrina que depura e salva...

Viver conforme as leis da natureza, é preparar a ascese para a perfectibilidade compatível com o seu karma. Divulgar, por conseguinte, e fazer do mundo conhecidas as regras da vida sã e moral, é praticar o primeiro passo para o aperfeiçoamento da Humanidade. E, como a humanidade precisa de quem a desvie dos seus vícios e dos seus abusos! Pitágoras, que viveu na Grécia, ao mesmo tempo que Buda doutrinou a Índia, são dois famosos Mestres que dão ensinamento e saber contínuo a todos quantos procuram libertar-se da imperfeição dominante, dêste, e dos séculos passados.

Pitágoras chegou a triunfar, pela virtude, na Grécia. Foi vencido pelo vício latente no povo, e a sua obra pouco reflexo teve nesta Europa sem fé. Porém os doutrinamentos de Buda perduram na Ásia inteira e alastram pela África e Oceânia. A Índia é a mãe da purificação, a pátria da renúncia, enquanto a Grécia se desviou para a desordem, na decadência da nacionalidade. Entretanto, passados mais de dois mil anos da vinda à Terra dêstes dois salvadores que prepararam a passagem de Cristo e de Mahomet e de tantos outros Homens de crença e de abnegação, a humanidade persiste agarrada aos hábitos impuros, prêsas da ganga acomodaticia das religiões e assim o seu progresso para o aperfeiçoamento tem sido demorado, convulso e sem aquela elevação necessária, útil, proveitosa e clemente, tão precisa e vantajosa por todos os motivos. A Europa vive escravizada a uma moral desconexa, amarrada a uma série de preconceitos tais que dir-se há estarmos no fundo dum abismo onde só o ódio e a má-fé dominem e governem. O terreno é de fundo honrado, mas tudo que procura viver sai quasi sempre sem bondade, sem crença, sem sinceridade. Pairou o vento da insânia e poucos são os que conseguem elevar-se por pensamentos, palavras e obras acima do pântano.

Pitágoras, cujos ensinamentos se condensam nos *Versos de ouro*, recomendava purificar o corpo físico por uma vida segundo a natureza, como primeiro passo para se poder despertar, adentro do coração, o sentimento das proporções e da pureza dos actos. E foi nos anos que viveu no seio das florestas, do que a natureza lhe oferecia, que Buda pôde surpreender a verdade da vida e ensiná-la ao mundo; crença de renúncia, de amor e de bondade, que explica os mistérios, os aclara e difunde, num indestrutível conjunto de doutrinas compreensíveis e lógicas. Sem dúvida que, anteriormente a êsses dois "Mahatmas", muitos outros sacerdotes egípcios, caldaicos, assírios, druídicos, herméticos, eram conhecedores dos ensinamentos puros. Porém, é desde o advento dêstes mestres que melhor se pode estudar a Lei. A Europa viu-se depois envolvida em contínuas lutas, não só políticas como religiosas e foram raros os que, como Francisco de Assis, prêgaram a bondade, a renúncia, a purificação. Só neste século, que passa ainda ensangüentado, é que se começou a difundir a doutrina de Pitágoras, de Buda e Cristo. Em outras palavras, o Naturismo e o Espiritismo.

Durante muitos anos julgou-se possível separar um ideal do outro.

Mas não é fácil tirar uma árvore da terra sem a estiolar e matar logo, por falta de prêsas radicular, de segurança e de conquista intrínseca.

Assim o ensinou Pitágoras. Dêste modo o doutrinou Buda. O sistema de iniciação necessita de ser lento e progressivo, pois que não se deve, senão

gradativamente, caminhar para a libertação dos erros alimentares e superstições de doutrinas erróneas, de preconceitos e de perturbação.

Dizem os filósofos de pêsso como Platão, que conforme os hábitos dietéticos assim se procede na vida. Por conseguinte se infere quanto desvairo se comete em virtude da antifisiológica e heterólita razão diária, da mor parte da humanidade. A «Vida Perfeita» que o Doutor Paul Carton escreveu, pode servir de catecismo condutor daqueles que procuram uma Religião fundada na verdade e no aperfeiçoamento físico-psíquico. E em todos os livros do Yoghismo se encontram sistemas iniciáticos admiráveis para se alcançar a pureza, a virtude, a segurança da saúde física e mental.

Para que o pensamento seja claro e lúcido é basilar que o organismo esteja depurado por um sistema lógico, de gradativo progresso aperfeiçoante. Todos sabem quanto é salutar um cacho de uvas, mas já assim o não é o álcool perverso. Matar os animais não pode ser também uma boa acção; e banquetear-se com os seus despojos não está de acôrdo com a moral.

Conforme fôr o alimento, assim o pensamento! Que ninguém se esqueça dêste fundamento da Doutrina que tantos sábios teem propagado nos tempos antigos e modernos, como alicerce da regeneração da Raça.

Na renúncia dos prazeres criminosos, como Tolstoi lhes chamava, está a chave do Paraíso.

DR. AMILCAR DE SOUSA

(Presidente da Sociedade Vegetariana de Portugal)

O Simbolismo da Mitologia

Estudar o simbolismo da Mitologia é como que ir prescrutar a história dos deuses, procurar a origem misteriosa das religiões pagãs. E' êsse o esquisso que desejamos fazer. Bordar ao redor dessas fantasmagóricas e inacreditáveis historietas, a sua aura de luz, essa luz pre-histórica que chega até aos nossos dias ainda um tanto velada através da letra de várias obras de vulto, nomeadamente os nossos «Lusíadas». Fazer acreditar a Mitologia nas suas múltiplas facetas seria irrisório; pô-la de parte como inúteis histórias infantis de deuses e lobis-homens seria relegar estúpidamente um subsídio histórico mais ou menos aceite universalmente.

Do *Caos* e da *Noite*, diz-nos a Mitologia, surgiu o *Destino*, e como os povos conservavam ainda uma vaga idéa da Providência, foram colocar o cego *Destino* ainda acima dos próprios deuses e como uma entidade soberana.

Daí partiu o primeiro fatalismo — o *Destino* inexorável tudo podia, tudo determinava.

Quando da formação da Terra, saída do *Caos*, houve a voz dum Deus desconhecido que tudo fez fertilizar, formando as planícies, os vales, os montes, etc., desaparecendo em seguida para não mais ser visto.

Temos já nesta primeira entrada e em primeira análise o conhecimento dum Deus Onnipotente, criador e incriado, porque as suas obras foram vistas e jãmais o foi o seu executor.

Houve então o casamento do *Céu* e da *Terra*, e dêsse consórcio nasceram vários filhos, deuses que começaram povoando os espaços siderais. Mostra-nos a Bíblia a Mulher criada com uma costela de Adão, mas a Mitologia apresenta-a, mais conscienciosamente, criada por *Vulcano*, o deus do fogo, moldada em barro, recebendo as suas numerosas prendas de *Vénus*, *Mercúrio* e *Minerva*, que a dotaram, respectivamente, com a beleza, a eloquência e as artes. Mais tarde veio a ser essa Mulher, Pandora, simbòlicamente a mãe de todo o género humano.

O *Olimpo* foi-se povoando, pouco a pouco. Tudo tinha o seu lugar nessa mansão celestial onde não faltaram: *Clio*, a fama; *Tália*, a musa da comédia; *Euterpe*, a da música; *Melpomene*, da tragédia; *Erato*, a musa dos amores com o seu inseparável *Cupido*; *Terpsicore*, a musa da dança; *Polímnia* e *Caliope*, musas da poesia; e *Urânia*, que se dedicava à astronomia. Tudo foi previsto e sábia-mente representado nessa mansão dos deuses. *Apolo*, que presidia às *Musas* e percorria o *Zodíaco* no seu coche tirado a quatro cavalos, tinha também os seus oráculos. A sacerdotisa do templo de *Apolo* em *Delfos* era a *Pitonisa*, consistindo os oráculos nas respostas transmitidas aos homens pelos deuses. Quando trovejava e a terra tremia, *Pitonisa* era conduzida até à entrada duma caverna e era então aí que no meio de horríveis convulsões e entre vapores sufocantes, espumando, os cabelos erriçados, pronunciava as respostas do deus, que os sacerdotes e o povo recolhiam religiosamente.

Aos cultos tributados a *Mercúrio*, na Grécia, encontramos na Acaia um oráculo célebre que era consultado por todo o povo. A resposta do deus era dada àqueles que saíam do templo com os ouvidos tapados mas atentos ao que pudessem ouvir pelo caminho. A primeira palavra ouvida nessas circunstâncias — essa era a resposta de Deus.

Nesta segunda parte mostra-nos claramente a Mitologia — conjunto de fábulas pagãs, segundo os dicionários — tôda a tendência espiritualista em embrião. Os deuses dignavam-se predizer ao povo pela boca dos seus *médiuns* de então — oráculos e pitonisas — alguma coisa do seu futuro e da sorte das armas e dos negócios.

As *musas* e as artes em pleno apogeu formavam o conjunto ideal de beleza e espiritualidade que não podia existir sem a Mulher que *houve necessidade* de moldar em barro por ser simbolicamente uma matéria maleável a que se podia transmitir tôda a beleza da forma, intuindo-lhe ao mesmo tempo o sentido artístico da Perfectibilidade humana.

Encontramos depois das grandes divindades que deram ou deixaram os seus nomes ligados aos planetas de primeira grandeza que foram: *Marte*, *Vénus*, *Saturno*, *Mercúrio*, *Júpiter* e *Apolo* ou o Sol; as divindades subalternas que governaram sobre a Terra e que foram entre outras *Zéfiro*, *Pomona*, *Ninfas*, *Flora*, *Vertumno*, etc., e ainda hoje, à luz dos conhecimentos ocultistas, nós encontramos essa imensidade de elementais da água, do fogo, do ar, etc., e vamos, pouco a pouco, encontrando, com o microscópio da ciência dos naturalistas, milhões de vidas nos minerais e vegetais.

Todos êsses seres em que hoje vamos encontrando vida tiveram o seu deus que presidiu aos seus destinos, o que nos prova, em pleno século XX, que nos primitivos tempos já havia, embora mitologicamente, a intuição de vida nos seres, nas coisas e nos elementos.

Sobre a magna questão da vida eterna também a Mitologia nos fala, pois que as *Ninfas* eram primitivamente as almas dos mortos que voltaram do *Tártaro* para vaguear à volta das moradias que tinham deixado sobre a Terra. Tinham uma forma vaporosa e aérea e apareciam sempre envolvidas em nuvens.

Encontramos também, depois, sob a direcção de *Plutão*, o deus dos Infernos, os *Manes*, as *Parcas* e as *Fúrias*, divindades que o mundo pagão reconhecia como executoras dos criminosos e de todos aqueles a quem o vício tinha tocado; habitantes do *Erebo*, que foram, talvez, os seres mitológicos que mais não simbolizavam do que o castigo do mal — embora *Cerbera*, esse terrível cão de três cabeças, devorasse as almas votadas ao Inferno, — que patentearam à Igreja Católico-Romana êsse filão inesgotável de castigos infernais e eternos que tanto teem amedrontado pelos séculos fora aqueles cérebros obscurecidos que involuntariamente se afastam do grilhão e da espórtula obrigatória.

Foram talvez os companheiros de *Proserpina* — a rainha dos Infernos — o *Ódio*, a *Hipocrisia*, a *Traição*, a *Vingança*, a *Guerra* e a *Discórdia*, as entidades

que, como estavam também condenadas ao *fogo eterno*, perderam mais, e assim conseguiram chegar aos nossos dias, para tormento desta humanidade que, segundo o dizer da Igreja, tem de pagar as faltas do *Anjo Caído*.

Memésis, uma das divindades pagãs mais terríveis, que na mão segurava um archote com que liga os segredos das almas e alumia as consciências, segurando na outra um chicote com que castigava os maus, pelos seus atributos nos faz pensar que o prémio e o castigo não eram letra morta entre os mitológicos *Manes* ou sombras dos mortos.

Os poetas marcaram quatro corpos ao homem: o *corpo*, que se reduzia a pó; a *alma*, que passava para o *Tártaro* ou para os *Campos Elísios*, segundo o seu estado; a *sombra*, que andava errante à volta da sepultura, e o *simulacro* ou *fantasma*, que habitava o vestíbulo dos Infernos. Interessante concepção era esta que veio ter a sua realização cabal e científica tantos séculos volvidos.

O corpo, ou a *matéria* de hoje; a alma, que é o *espírito*; a sombra, o *perispírito*, e o simulacro ou fantasma, o chamado *corpo etérico*.

A Mitologia estuda igualmente duma forma original para nós, espiritualistas, os horrores do *Tártaro* e as delícias dos *Campos Elísios*; o primeiro, onde as almas espurgavam tudo o que tinham de imperfeito, o segundo, o lugar da bemaventurança, onde reinava a igualdade absoluta, onde escravos e senhores se encontravam e gozavam do bem que tinham feito na Terra. O nosso plano astral encerra hoje, precisamente como êsses *Campos Elísios* outrora encerravam, tudo quanto uma alma pode necessitar para a sua evolução. Mitologicamente e espiritualmente os estágios evolutivos são quasi os mesmos; se então havia um *Aquiles*, um *Cécropo*, um *Codro* que doutrinavam os que tinham a ventura de entrar nessas paragens sublimes, hoje são perfeitamente conhecidos e estudados os ensinamentos, a acção, a natureza, a fenomenologia que orienta essa pléiade de espíritos de luz, seres superiores que vegetam fora da atmosfera da Terra.

Os *Lares* ou *Penates*, deuses protectores dos lares, das cidades e dos impérios, não eram mais do que espíritos tutelares, como hoje o são os nossos Espíritos-Guias, cuja acção é bem notória em tôda a Humanidade.

Quando a *Virtude* falou a *Hércules* e lhe disse: — « *A' custa do trabalho é que os deuses dão a felicidade; se queres que o teu corpo se torne robusto e vigoroso lembra-te que o tens de submeter ao império da alma e às fadigas; dou a felicidade e a glória aos que escutam a minha voz; quando a morte fatal chegar o esquecimento do túmulo não os aniquilará eternamente e a sua memória sempre florescente viverá um longo futuro* », ela codificou, em meia dúzia de palavras, a conquista da perfectibilidade por seu intermédio, através das provações norteadas pela consciência e levadas a cabo pelos diferentes espíritos em evolução.

Quando da mais cruenta guerra que houve entre os gregos, conta-nos a Mitologia que *Eteocles* e *Polinice*, dois irmãos que cingiram a coroa de *Tebas* simultaneamente, e por êste facto acenderam tal ódio um contra o outro que depois de várias guerras sanguinolentas se dispuseram a terminá-las de vez, o que resultou o matarem-se mutuamente os dois irmãos. Seus corpos foram queimados, mas o ódio que os dividia era tal que depois de mortos as próprias chamas da fogueira se dividiram em duas colorações distintas.

As lendas dão-nos nestas curiosas passagens mais uma prova cabal da crença absoluta que havia da existência depois da morte física, e assim, nós podemos quasi ir, passo a passo, comparando as nossas actuais teorias com essas lendas quicá fantásticas dos tempos mitológicos, mas que encerram no seu âmago verdades eternas e profundas, num simbolismo de significação difícil e complexa, síntese poderosa de fragmentos da Verdade Eterna, da Luz Universal, que é — *a alma da Vida Cósmica na plenitude duma evolução contínua e progressiva*.

Um caso inesperado de identificação espírita

Na sede da Federação Espírita Portuguesa realizam-se, semanalmente, trabalhos práticos de espiritismo na presença de grande número de sócios e convidados.

No dia 18 de Dezembro, do ano findo, dirigia, o signatário desta breve notícia, uma sessão de catequese a que assistiam cêrca de 200 pessoas entre sócios e convidados. Feita a concentração mental de abertura dos trabalhos, um dos *médiuns*, a Sr.^a D. Elvira de Jesus, entrou em transe, auxiliada com passes magnéticos e produziu uma incorporação.

E' nosso processo, nas sessões de catequese, fazermos primeiro um estudo da situação da Entidade e das suas ideias fundamentais, para podermos dar aos trabalhos uma orientação adequada e proveitosa.

Um fenómeno que temos verificado sempre nos espíritos perturbados pela desincarnação é fixarem a data do seu último suspiro, prolongando a agonia até compreenderem o seu novo estado e as condições da sua nova vida. Assim, há como que uma suspensão do tempo, mantendo-se actual o último momento, enquanto dura a sua perturbação. A explicação dêste fenómeno é bastante simples, se concebermos o Tempo como uma sucessão de estados, uma fluência de fenómenos. Desde que um estado permaneça idêntico a si mesmo, suspende-se a fluência dos fenómenos e conseqüentemente a noção de tempo. Com a desincarnação suspendem-se as funções fisiológicas e tôda a actividade física do organismo, exactamente aquela cuja fluência melhor impressionava a sensibilidade daqueles que consideram a vida física como a única vida real. Porisso, só quando o conhecimento do seu novo estado, desperta neles uma modificação profunda, reconhecem que não vivem já na época remota que pensavam. A barca de Caronte tinha-os levado à outra margem da vida, sem que êles dessem por tal.

Nesta ordem de ideias, a primeira pergunta que usamos fazer à Entidade comunicante, logo que compreendemos tratar-se dum espírito perturbado pela desincarnação, é a que se refere à data em que nos encontramos, e cuja resposta nos fornece elementos sôbre a data do falecimento. Em seguida, informamo-nos da sua posição social e das suas concepções filosóficas ou religiosas, procurando conhecer, em especial, a ideia que se faz da morte. São as respostas a êste interrogatório que nos orientam a catequese, procurando desfazer-lhe, primeiro, todos os terrores da morte, para depois lhe darmos a conhecer a sua nova situação.

No caso que vimos narrando, tratava-se duma Entidade que se considerava incarnada e via o sangue correr de ferimentos graves. Falava com dificuldade e atribuía isso à grande perda de sangue. Tinha a memória obscurecida, as ideias confusas. Não se recordava da data a que estávamos, mas, depois de bastante instada, disse-nos que era 17 de Fevereiro. Quando lhe perguntámos o ano, *pareceu-nos* ter ouvido dizer 1928. Não estranhámos esta resposta a-pesar-de estarmos em 1927 porque a Entidade declarou que não tinha ideias nítidas e era alguém a seu lado que lhe indicara aquela data. Não insistimos sôbre êste ponto porque nos preocupava apenas a catequese e não tínhamos pensado em verificar êste caso.

Contudo, a indicação de que estávamos em 1928, fez-nos temer que estivéssemos em presença de um caso de incorporação do duplo dum incarnado, em astral, como já nos tem sucedido e entre os quais temos constatado alguns casos de pre-conhecimento do futuro. Assim, não quisemos usar da sugestão sem adquirirmos a certeza de que realmente se tratava dum desincarnado, para que não fôssemos prejudicar a vida normal do sêr com sugestões contrárias à sua natureza. Em breve

se desfez a nossa suspeita e não tivemos mais dúvidas de que se tratava dum desincarnado num estado de grande perturbação.

A Entidade disse chamar-se *Acácio* Ramos e nós pensámos que seria *Acácio*, pois não nos ocorreu outro nome semelhante, e foi assim que registámos o caso.

A-pesar-de me ouvir falar, não conseguia ver-me, pois era densa a escuridão que o envolvia. Estava prêso na Torre de S. Julião da Barra e tinha serrado as grades para poder evadir-se, mas, quando procurava fugir, tinha-se ferido num vidro e via o sangue correr abundantemente. Não acreditava em Deus, nem mesmo se preocupara ainda com isso. A morte, para êle, era o aniquilamento, e um banquete para os vermes tumulares. Mas, a-pesar-disso, não tinha receio de morrer, porque era uma coisa natural: tôda a gente morria. De resto, a vida era-lhe penosa. Amava a liberdade e estava enterrado vivo numa prisão. A justiça dos homens é pior que a voragem dos vermes. Gostava de me ver mas tinha pena que a noite fôsse tão escura que não conseguia divizar-me sequer.

Tomámos então as mãos do *médium* nas nossas, e, depois de fazermos uma transfusão magnética conveniente, começámos de dissolver a carapaça de treva que o envolvia. Dissemos-lhe que empregasse esforços para nos ver, e, por meio de sugestão, iamos fortalecendo-os. Por fim, já nos via completamente. Conversámos por algum tempo, durante o qual fomos procurando desfazer a auto-sugestão que faz que os espíritos perturbados se considerem incarnados e criem, num mundo fantástico, os cenários próprios da sua vida terrestre.

Quando nos pareceu ocasião oportuna demos-lhe a conhecer o seu estado e as condições da vida espiritual. Era tão estranho o que eu lhe dizia, tão diferente daquilo que êle pensava, que lhe parecia impossível ainda. Então recorremos de novo à sugestão para lhe mostrarmos o seu próprio cadáver. Ele viu-o estendido sôbre uma mesa de pedra — devia ser na morgue — e então desanuviou-se-lhe mais a memória.

« Não pensava que aquela ferida tivesse sido mortal, porque me sentia vivo e não acreditava na sobrevivência », dizia êle. Despediu-se afectuosamente, e, depois de nova concentração mental, os trabalhos foram encerrados.

Dias depois, na sede da Federação onde me encontrava, fui procurado pelo sr. Brito Bettencourt, sócio recente desta colectividade, que tinha assistido a esta sessão, e, um pouco scéptico nestes assuntos, colheu informações sôbre êste caso.

O sr. Bettencourt está empregado no jornal « O Século », onde revê provas, e é seu colega o sr. Raúl Baptista que já desempenha aquelas funções há vários anos e tem fama de possuir uma excelente memória. Quando o sr. Bettencourt lhe contou o que se tinha passado na sessão, o sr. Baptista disse recordar-se dum caso, *perfeitamente análogo*, narrado nos jornais e ocorrido na Torre de S. Julião da Barra, há cêrca de 20 anos, com um indivíduo chamado *Acúrcio* Ramos. Depois, relacionando êsse factô com outros contemporâneos, disse ter acontecido em 1908 seguramente.

ANTÓNIO L. VILELA

Aos nossos prezados assinantes das Colónias Portuguesas e do estrangeiro pedimos se dignem enviar a importância das suas assinaturas.

Os Administradores

A ALMA HUMANA

(NEO-PSIQUISMO EXPERIMENTAL)

V

Nos números anteriores desta revista, relativamente ao ano p. passado, occupámo-nos, sob esta mesma epígrafe, da composição ternária do homem, sob o ponto de vista da sua antropogénese, orientados na concepção clássica do Espiritismo: — *corpo físico* ou sarcosoma, *perispírito* também denominado corpo astral ou aerosoma, e, finalmente, o *espírito*.

Estes três elementos fundamentais antropogénicos da natureza humana estão em perfeita relação e interdependência com os três planos cosmológicos do nosso Universo: planetário, astral e divino, ou sejam, respectivamente: o mundo fenomenal, o mundo das leis, e o mundo dos princípios.

Sendo estes *princípios*, resultantes da onisciência e onipotência divinas, onde imperam o Infinito Amor e a Suprema Justiça, fácil é concluir que a Harmonia de cada universo será a lógica resultante da relação causal que una integralmente, em toda a sua pureza, as leis aos princípios, e os fenómenos a essas leis. E, assim seria, se o arbítrio e liberdade humana não perturbassem essas relações, através das ondulações irregulares das suas curvas evolutivas, onde projectamos vincadamente todo o nosso egoísmo e orgulho, devido ao estado de atraso em que se encontra a nossa Humanidade, na escala ascendente para uma Perfectibilidade que ainda mal se vislumbra num futuro remoto e eternamente longínquo, numa ânsia de Ideal onde palpitam as máximas aspirações da alma humana.

Cada um dos elementos constitutivos do nosso ternário físico-psíquico corresponde ao providencial veículo de que a natureza humana dispõe para poder agir directa e harmónicamente, nos diferentes planos do Universo: o corpo físico para o plano terrestre — mundo fenomenal; — o perispírito para o plano astral — mundo das leis; — o espírito para o plano divino — mundo dos princípios.

Toda a Harmonia dos Universos, assim como a Perfectibilidade humana, só serão integralmente atingidas, quando soubermos compreender e aplicar, na sua máxima plenitude, quer aos fenómenos, quer às leis, dentro do complexo e ilimitado metapsiquismo anímico, o cumprimento integral desses **princípios**, que vibram fragmentariamente, por vezes deturpados na sua maravilhosa essência, nos vastos sistemas religiosos e filosóficos, debatendo-se no eterno rolar do tempo, máximas efflorescências do génio humano, vibrante de progresso e de Luz espiritual.

* * *

Allan Kardec, o eminente sistematizador do Espiritismo, criou com toda a propriedade o termo de perispírito, ainda que numa acepção ampla e indefinida, ainda que algo imprecisa, deixando antever todo o seu complexo e preponderante dinamismo na fenomenologia do Espiritismo.

Foi sobre o estudo das funções do perispírito que mais particularmente incidiram os nossos artigos anteriores, e, sem esse prévio conhecimento, difícil se torna formar uma idéa racional da mecânica que preside aos misteriosos recessos da alma humana na sua complexidade e polimorfismo psíquico, quer entre os incarnados vergados ao peso da carapaça carnal, quer entre os desincarnados plainando nas regiões luminosas do Astral. Mas, dentro das extraordinárias e variadas possibilidades do metapsiquismo humano, o paralelismo é perfeito e completo entre in-

carnados e desincarnados, diferindo apenas estes últimos pela libertação que a morte redentora lhes trouxe, expurgando-os do corpo físico e carnal, desnecessário à vida astral como simples veículo da alma para poder agir no mundo planetário terrestre. A morte é, pois, o luminoso pórtico que nos conduz a uma vida mais livre e fecunda, radiante de verdade e de esperança, de conhecimento e de progresso, onde o ódio será fundido em amor, o egoísmo em abnegação, o orgulho em humildade digna e fraterna, nos cadinhos depuradores do arrependimento, da expiação e da reparação, justas e lógicas resultantes das intenções e realizações operadas nas nossas vidas anteriores, sendo manifesto e real o valor da **intenção** no progresso e depuração dos nossos corpos psíquicos.

Todas as almas frementes de perfeição, devem especialmente, cultivar, com tãda a tenacidade, constância e carinho, nobres desejos e elevadas intenções, para assim orientarem numa mesma vibração de ascese espiritual o seu perispírito, tornando-o sintónico e receptível às irradiações superiores emanadas do espírito e dos mundos superiores, procurando como Ideal a harmonia do desejo com a realização.

Tõda a realização orientada na hipocrisia, seja qual fôr o valor objectivo e extrínseco do facto consumado, influi, necessária e lógicamente, num valor intrínseco negativo, tornando mais densa e obscura a substância vibrátil e quintessenciada dos seus corpos psíquicos, arrastando a alma humana para o retrocesso e baixaza moral.

No dia em que esta desvairada Humanidade queira compreender e estudar a acção decisiva e perniciosa da hipocrisia, do orgulho e do egoísmo, sôbre a evolução anímica, através do mecanismo exercido sôbre o estado de densidade, obscurcimento e vibratilidade inerentes aos seus corpos psíquicos, únicos com que se apresentarão no mundo astral, raiará para êste miserável planeta uma aurora de sinceridade e de paz, de amor e de fraternidade. O princípio newtoniano, de causalidade, tanto tem aplicação no plano terrestre e nos domínios físico-químicos, como nos planos superiores do Universo, nos domínios psico-espirituais, triunfantes do espaço e do tempo, através do infinito e da eternidade. Só o homem é o árbitro do seu destino, condicionado pelas leis imutáveis, eternas e divinas, tendo como resultantes finais: a redenção e perfectibilidade de tãda a Humanidade, pela dinamização das potencialidades contidas em germe no nosso espírito. Evolucionará mais depressa todo aquele que melhor as souber dinamizar e concretizar na prática da vida, libertando-se pelo seu conhecimento da dôr e do sofrimento, cuja missão providencial apenas visa dar-nos o conhecimento da lei moral em que prevaricámos.

* * *

Os mais elementares princípios didáticos da metodologia implicam a necessidade do estudo detalhado do animismo como preparação prévia e indispensável para a compreensão do Espiritismo no seu aspecto positivo e experimental, aspecto que lhe confere uma manifesta supremacia sôbre todas as outras correntes neo-espiritualistas contemporâneas e a valiosa consagração de grande número de cientistas notáveis nele filiados, quer da Europa, quer da América.

Todo o experimentalismo espiritista é baseado na sobrevivência da alma humana que o Espiritismo soube demonstrar duma forma completa e cabal, através da sua vasta e complexa fenomenologia, arrancando a alma humana das concepções abstractas e metafísicas a um plano positivo, experimental e concreto. Só êste facto, de primacial importância para a evolução e progresso da Humanidade, seria mais do que suficiente para impôr o Espiritismo ao respeito e consideração de todos aqueles que valham pelo cérebro ou pelo coração, o que infelizmente não sucede ainda, mas que virá a suceder num futuro não muito longínquo, logo que o Espiritismo seja estudado e compreendido nos seus aspectos: científico, filosófico, moral e social. Só então se fará a devida justiça a todos aqueles que nestes seus tempos heróicos teem a nobre coragem de cortar cerce os preconceitos e interesses sociais, arcando com o sarcasmo dos ignaros, com a dúvida ridí-

cula dos aprioristas, com a opposição sistemática dos misoneístas, com o ódio implacável de várias confissões religiosas que vêem sossobrar os seus interesses inconfessáveis, desorientadas e confundidas pela Luz brilhante de Verdade e de Amor que irrompe do Espiritismo em fulgurações justiceiras e luminosas, pondo em equação os máximos problemas da origem e finalidade humana, numa mesma linha de continuidade lógica do passado, presente e futuro, dilatando e descobrindo novos horizontes às sciências, às filosofias e às religiões, através da sua vasta e profunda sistematização em que impera o clássico método positivo e experimental, tendo por fundamento um complexo de factos incontrovertidos e comprovados universalmente.

O estudo da sobrevivência da alma humana, conquista máxima do Espiritismo experimental, é o ponto de partida para a intercomunicação do Mundo visível dos incarnados com o Mundo suprasensível dos desincarnados, impròpriamente chamados mortos, quando, na verdade, a morte é uma ficção, tão macabra, quanto absurda, através de todos os planos diferenciados do Universo, em que o pandinamismo e o panvitalismo se justapõem e entrelaçam no conceito dual da vida eterna, tanto para a matéria como para o espírito.

Num átomo desenrolam-se também dramas de dores, de angústias, de esperanças, no desequilíbrio das suas atracções e repulsões, como no cérebro e no coração humanos se debatem as mais torturantes tragédias de sofrimento, de aspirações, de ideal, na luta tremenda, cruenta, lancinante, da eterna dualidade — o Bem e o Mal.

Mas o mal é, providencialmente, efémero e transitório, produto mórbido da nossa ignorância e do nosso atraso espiritual, como o comprovam as incoercíveis aspirações das nossas almas para o Bem, para o Belo e para a Verdade, supremas aspirações que só serão efectivadas na plenitude máxima das nossas realizações, quando soubermos dinamizar e concretizar as virtualidades divinas contidas, sonolentas e apáticas, nos nossos espíritos, em ondulações de Luz e de Amor, levando-nos às culminâncias máximas da Perfectibilidade, cúpula luminosa de tóda a nossa evolução, onde os homens serão mais que super-homens, porque serão deuses integrados na Suprema Unidade, na plenitude da expansão máxima da efflorescência das suas potencialidades espirituais.

* * *

O estudo do animismo, nas suas estupendas e maravilhosas modalidades, no seu assombroso e complexo mecanismo — não nos cansaremos de repetir — é a lâmpada de Aladino para todos aqueles que pretendam arrancar ao dragão do Mistério as chaves dos grandes arcanos. E aí daqueles que nesta dura peleja não souberem respeitar a *lei moral!* O *iluminismo* é uma espada de dois gumes, tanto podendo servir à *teurgia* como à *goécia*, e este antagonismo chocante deriva apenas duma mudança de sinal na dinamização da vontade, accionada pela intenção orientadora. O coeficiente máximo da consciência humana não é a realização objectiva e extrínseca, mas sim a intenção intrínseca, expressa na intensidade do desejo. O acto é uma aparência debaixo do ponto de vista psíquico, enquanto que só a intenção representa um valor real e efectivo para o dinamismo e evolução consciencial.

Poderemos enganar até os mais sábios, os mais argutos, nos mais bem urdidos torneios da dissimulação humana, movidos por interesses e vaidades inconfessáveis neste cruciante período de transição e de decadência moral; — mas não será possível, sejam quais forem os aplausos recebidos, iludir a nossa consciência. Ela será sempre a sentinela austera e vigilante que gritará *o alerta* justiceiro — o remorso — às infracções da lei moral, insculpida em letras de ouro na alma humana.

A consciência serena e tranqüila é o mais inexpugnável baluarte contra as injustiças terrenas.

Tóda a nossa evolução espiritual — única real através do infinito e da eternidade — é a consequência lógica da harmonia imposta pela consciência ao dina-

mesmo complexo e variável do psiquismo humano nas múltiplas facetas da aplicação das suas energias incomensuráveis.

As consciências são variáveis com o seu estado evolutivo. A consciência dum selvagem paira num nível evolutivo acentuadamente inferior à dum civilizado moral. Donde deriva a relatividade do Bem e do Mal, perante consciências em graus diversos de evolução, e o dever moral de aferirmos as nossas melhores atitudes pelos ditames da nossa consciência, quando liberta de todos os falsos preconceitos que a sociedade nos impõe, ou quando desembaraçada dos tentáculos da vaidade e do egoísmo, que a oprimam e emudeçam, desvirtuando o seu alto significado de orientação moral e progressiva.

E se aqui neste mundo de ilusões podemos opiar as nossas consciências ao sabor de interesses mais do que duvidosos e efémeros, de efeitos contraproducentes para a nossa evolução, — na vida astral, já liberta da grilheta carnal, saberá assumir a sua providencial missão justiceira, impondo-nos, positiva e categoricamente, sem apêlo nem agravo, o prémio ou o castigo dos nossos méritos ou deméritos, por mais que pretendamos apagar as nossas faltas no cómodo esquecimento do passado, que reaparecerão vívidas, vibrantes de verdade e de justiça, no espelho justiceiro de cada consciência, que nada mais é que o reflexo dos nossos corpos psíquicos, e representativa dos seus estados vibratórios.

A consciência humana é, em última análise, a resultante de vibração peculiar a certos departamentos de eterização quintessenciada dos corpos psíquicos da alma humana, cuja matéria subtilíssima da sua estrutura nos é ainda desconhecida na sua essência e natureza, ainda que estudada experimentalmente em algumas das suas complexas modalidades, como teremos ocasião de descrever em artigos sucessivos.

A consciência não tem o carácter abstrato que muitos supõem, obedecendo antes a um dinamismo determinado.

* * *

Será, pois, desnecessário encarecer a necessidade e utilidade do estudo do animismo, especialmente por todos aqueles que se dedicam ao Espiritismo experimental. Infelizmente, em Portugal usa-se e abusa-se das sessões práticas do Espiritismo, não se medindo os efeitos perniciosos da ignorância da maioria dos experimentadores.

Todo êsse sinistro cortejo de mistificações, subjugações, possessões e obsessões só traduzem a falta de preparação moral, intelectual e de cultura que domina as sessões espíritas, com raras e honrosas excepções. E' êste um factor preponderante para o desprestígio da nossa doutrina, que todo o espírita tem o dever moral de nobilitar pelo cérebro e pelo coração, pelo conhecimento e pelo sentimento, dentro da sua máxima capacidade mental e moral.

Desprezando a parte nobre e elevada da filosofia espírita, esquecendo a sua alta finalidade social para a decisiva regeneração da humanidade, de que a parte experimental e científica é apenas um meio e maravilhoso instrumento, uma grande parte dos dirigentes e assistentes às sessões espíritas apenas ali são levados por uma mórbida curiosidade, sem significado científico ou moral, e, quantas vezes, orientados em interesses e vaidades mais do que suspeitos.

« Os grupos espíritas não podem nem devem ser constituídos como uma aglomeração casual, devendo lutar sobretudo no seu início para se tornarem homogêneos e fortes, com um limite de 5 a 7 membros.

Cada um dos seus membros constituintes deve ter pleno conhecimento dos princípios básicos do Espiritismo, conhecimento que só podem adquirir pelo estudo de autores consagrados e por repetidas meditações, única forma de assimilarem o complexo transcendentalismo espírita, devendo dedicar o melhor do seu esforço no sentido de obterem uma lúcida compreensão da mecânica fluídica e moral que rege todo o experimentalismo espírita.

O fenómeno espírita tem uma dupla face: moral e científica, demandando estudo e grande elevação moral, e só assim se podem obter resultados apreciáveis.

E' de capital importância a escolha dos elementos para cada grupo, devendo obedecer a uma forte corrente de simpatia e até de mútua amizade e plena confiança entre todos os elementos constituintes.

E' através dos pensamentos de desconfiança, vaidade ou emulação, abrindo lacunas na corrente fluídica, envolvendo todos os grupos experimentais, que penetra o Astral inferior, **sempre àlerta**, produzindo desde a cizânia até à mistificação e obsessão.

Infelizmente em Portugal, com raras excepções, o móvel dos trabalhos práticos é quasi sempre uma mórbida curiosidade do fenómeno espírita. A Federação Espírita Portuguesa envidará os seus melhores esforços no sentido de orientar os trabalhos experimentais nos mais modernos processos scientificos e morais.

A Federação Espírita Portuguesa está trabalhando na organização duma escola de aperfeiçoamento de *médiuns* e espera ainda este ano poder apresentar alguns trabalhos experimentais metapsíquicos e espíritas a que poderão assistir todos os sócios que assim o desejem ».

Isto escrevemos há meses nesta mesma revista, e, de então para cá, cada vez mais profundamente se tem radicado no nosso espírito quanta razão nos assistia nas nossas apreciações e avisos.

O mal está profundamente inveterado no nosso país, muito especialmente em Lisboa, onde se cometem os maiores dislates e se aplicam os mais ridículos e até perigosos processos nas clássicas sessões espíritas, que, para darem todos os seus resultados benéficos de altíssimo alcance social e moral, exigem comprovada competência, desinteresse, disciplina, grande elevação moral, atentas a delicadeza e complexidade no mecanismo das sessões experimentais, mesmo quando com o simples carácter familiar, sem objectivo definitivamente científico.

E' tal o espírito de indisciplina e de anarquia que invade a nossa sociedade, reflectindo-se até, triste e desalentadoramente, no meio espírita, que a Federação Espírita Portuguesa se viu forçada a interromper os trabalhos experimentais a-fim-de os regulamentar em bases mais apertadas e seguras, com uma selecção escolhida e cuidada, tal a heterogeneidade e desequilíbrio no meio ambiente da assistência, incompatível com os mais rudimentares princípios que regem a ética espírita.

Todo o espírita, digno deste nome, tem altas responsabilidades no desempenho da nobre e delicada missão que lhe foi confiada e por elle aceite, certamente. Um karma terrível e implacável, de que só difficilmente se libertará, será a triste consequência do não cumprimento dos deveres impostos à realização dessa glorificadora missão, porque a responsabilidade moral é sempre proporcional ao conhecimento e à intenção. Não nos iludamos, julgando iludir alguém. Repudiemos, nobre e dignamente, todos os processos de dissimulação e saibamos prestar o devido culto à lealdade e à sinceridade, numa plena e íntima confraternização. Por melhor que seja o actor, a máscara cair-lhe há ao transpôr os umbrais do Além, e em pleno Astral não há acrobacias que valham perante a transparência dos nossos corpos psíquicos, onde ficam indelévelmente insculpidas as resultantes de todos os nossos pensamentos, actos e intenções, os mais reservados e ocultos. Aqui valem as aparências; lá só vale a realidade, e « cada um só colherá o que tiver semeado », como disse o Mestre dos Mestres — Jesus Cristo.

E, sejam quais forem os nossos desmandos e paixões, é, no entanto, ao Espiritismo que está confiado o primacial papel na renovação espiritualista contemporânea, como factor decisivo na redenção desta Humanidade desvairada pelo orgulho e pelo egoísmo, onde se radicam todos os seus sofrimentos e dores.

(*Continua*).

ANTÓNIO J. FREIRE

Allan Kardec

(31 de Março, 1869 — 31 de Março, 1928)

Passa o 58.º aniversário da desincarnação do Glorioso Mestre. Muito embora a fenomenologia espiritista seja tão velha como o mundo, em consequência de constituir um factor inerente ao dinamismo do metapsiquismo humano e ao intercâmbio do Mundo invisível com o Mundo visível, representativo da acção directa e profunda dos mortos sobre os vivos, ou, mais precisamente, dos desincarnados com os incarnados, a verdade é que o Espiritismo só surgiu como sistema científico e filosófico, como luminoso e fecundo corpo de doutrina, graças ao esforço genial do venerando Mestre e seu eminente codificador, Léon Hippolyte Denizart Rivail, mais conhecido pelo criptónimo de Allan Kardec.

O século XIX, convulsionado pela heteróclita herança legada pelo século XVIII, debatia-se angustiosamente entre o negativismo da sciência catedrática e as superstições das grandes religiões oficiais, esmagadas pelos erros tremendos e pavorosos do antropomorfismo, do geocentrismo, do traducionismo, ilaqueadas numa rede tenebrosa de dogmas que revoltavam as mais poderosas cerebrações e angustiavam as almas mais crentes.

«Fora da Igreja não há salvação» — era a fórmula proclamada pela teocracia romana, tiranizando as almas aos seus interêsses e subvertendo a liberdade do pensamento humano.

Dêste turbilhão caótico em que se degladiavam ferósmente, num antagonismo irreductível, as correntes científicas e religiosas do ocidente, falsificando o sentido profundo da vida, surge o Espiritismo em pleno século XIX, vibrante de verdade e de justiça, na ânsia ingente de determinar o porquê da vida, sua origem e finalidade, incógnitas de cuja solução dependeriam as suas melhores atitudes morais, desanuviando e ampliando os horizontes da sciência e preenchendo luminosamente a vacuidade dos melhores sistemas religiosos.

*Do Espiritismo irradia tôda a admirável e fecunda renascença neo-espiritualista contemporânea, marcando um novo ciclo para esta Humanidade, em que sciências, filosofias e religiões, numa mesma suprema aspiração para um alto Ideal de Fraternidade, de Verdade e de Justiça, se hão-de consorciar no magestoso templo da **Religião-Sciência**, em que cérebros e corações se levantem para Deus, numa prece fervorosa pela Harmonia Universal, só perturbada pelo egoísmo e vaidades humanas.*

Allan Kardec é o indómito cavaleiro andante desta epopeia de Luz e de Verdade, que soube triunfar, pelo esforço do seu génio e da sua brilhante observação, dos preconceitos da sciência e dos dogmas das religiões. No seu glorioso estandarte êle leva inscritas, em letras de ouro, as mais poderosas e fecundas sínteses do pensamento contemporâneo, fochos de luz que iluminam o passado, o presente e o futuro, numa mesma linha de continuidade e de evolução:

«Fora da Caridade não há salvação» ; «Nascer, morrer, renascer de novo, progredir sempre».

Glória, pois, ao Mestre Querido.

A COMISSÃO DIRECTIVA



Esclarecendo

A Direcção da Federação Espírita Portuguesa, por deliberação unânime dos seus membros, resolveu tornar públicas as seguintes declarações:

1.^a A Federação Espírita Portuguesa não teve representação, interferência ou responsabilidade alguma na pretensa Comemoração do 58.º aniversário da desincarnação do glorioso e venerando Mestre e sistematizador do Espiritismo, Allan Kardec, promovida, para fins inconfessáveis, por um aventureiro audacioso e sem escrúpulos, realizada em Lisboa no dia 1 de Abril do corrente ano, lamentando e protestando esta Direcção contra todos os dislates e indignidades ali praticados;

2.^a O indivíduo, que se permitiu fazer naquela sessão referências tão grosseiras, quanto injustificadas, à Federação Espírita Portuguesa, é um charlatão conhecido da polícia, que usa o nome de Lion de Castro, e cuja proposta para sócio desta Federação, foi rejeitada há meses;

3.^a O iniciador, organizador e empresário desta jarça sacrílega, é um conhecido aventureiro, filho espúrio do Brasil, chegado há meses a Portugal, apresentando-se com o nome de Yvon Costa, dizendo-se, umas vezes antigo padre e prægudor católico, outras vezes médico brasileiro, de quem a imprensa brasileira se tem ocupado, por vezes, patenteando a sua insuficiência moral e intelectual e cujas relações com a Federação Espírita Portuguesa se resumem, apenas, nas duas cartas que a seguir transcrevemos:

(N. R. — A transcrição desta carta teve uma cuidadosa revisão de provas, a-fim-de manter, textual e integralmente, a ortografia e sintaxe do seu autor.)

Recife, 26-9-27.

Caríssimos confrades da

Federação Espírita Portuguesa

L I S B O A

Paz em Jesus

Não sei si o meu nome travou a esta hora, conhecimento com o mundo espírita de Portugal, no entanto, devo dizer, que cinco anos são passados onde a minha peregrinação espírita atingiu conhecimento com toda a America do Sul.

De malas promptas para a rota ao mundo dos sabios, ou seja a tradicional e velha Europa, deverei seguir pelo vapor Almirante Jaceguay, com destino a este porto, com o exclusivo fim de atravessar a Europa e demais continentes, em pregação dos sublimes ensinamentos do Espiritismo ou aliás do Cristoísmo. Estou sobejamente convencido que mais aprenderei entre os confrades europeus que tivesse ocasião de ser-lhes util, todavia, terei o prazer de abraçal-os de perto e afinisar melhor as nossas auras, pois que os espiritos actuais do orbe, não deixam de ser familias de longo conhecimento do passado, não se atinam hoje, com a vida de hontem.

O meu primeiro porto será Lisboa, e d'ahi pressuroso corro a avisar aos meus irmãos d'alem mar a minha futura chegada, que se faz em companhia de minha mulher, e outrosim, pedia licença á nobre Federação que hoje empunha os destinos do Espiritismo Luzitano, para que neste rincão dos Alexandres Herculanos e outros eu possa

levar a minha saudação espirita em nome dos confrades do meu e vosso Brasil, aos do vosso e sempre nosso Portugal.

Para prompto reconhecimento de chegada, devo dizer que tenho um busto athleta, uso barbas crescidas e sou de boa altura. Só imperiosos motivos determinarão minha viagem em outro navio o que farei avisada a confreira em caso de desvirtuar os meus anhelos. Sem mais, peço que aos confrades e à Família Espirita Portuguesa, por vosso intermédio, seja transmitido o meu amplexo de irmão e auguro que o Senhor dos Mundos faça descer ahí sobre todos o seu magnanimo olhar de compaixão e amor.

Permitam, assinar-me amigo certo

(a) YVON COSTA

*

Lisboa, 12 de Novembro de 1927.

Ex.^{mo} Senhor

Yvon Costa

LISBOA

Em resposta à carta de V. Ex.^a de 26 de Setembro p. p. comunicando-nos a sua partida do Brasil para Portugal, onde vem fazer propaganda do Espiritismo, cumpre-nos participar a V. Ex.^a, agora chegado a Lisboa, que muito nos surpreendeu tão insólita resolução, sem prévio convite e sem ao menos ter trocado as mais leves impressões com a Federação Espirita Portuguesa, como legítima representante do movimento espirita de Portugal.

Salvo quando se imponham pelo seu talento ou virtudes, esta Federação só pode receber oficialmente Confrades estrangeiros, quando devidamente apresentados pelas Federações congéneres, muito em especial quando nos sejam desconhecidos, a-fim-de nos pormos ao abrigo das variadas mistificações dos profissionais do Espiritismo.

Conhecemos a orientação seguida por V. Ex.^a no Brasil, através de vários jornais e prospectos-reclames das conferências, festivais e «films» de V. Ex.^a, manifestamente oposta ao critério seguido por esta Federação nos seus processos de propaganda.

Sejam quais forem as atitudes de V. Ex.^a em Portugal, não poderá contar com a cooperação desta Federação, limitando-nos a pedir a V. Ex.^a o obséquio de não se servir de meios, na propaganda do Espiritismo, que possam comprometer ou deturpar o alto significado moral, científico e social da nossa doutrina, a-fim-de não sermos forçados a quebrar o silêncio em que nos desejamos manter para com V. Ex.^a

E' esta a única atitude compatível com a lealdade que devemos a V. Ex.^a e com a dedicação que nos merece o nobre Ideal que propagamos e defendemos, desinteressada e abnegadamente.

Respeitosos cumprimentos.

Pela Direcção da Federação Espirita Portuguesa

O Secretário Geral,

(a) PEDRO CARDIA

* * *

A Direcção da Federação Espirita Portuguesa:

— Considerando que o sr. Yvon Costa, promovendo e dirigindo a festa comemorativa do 58.º aniversário da desincarnação do grande Mestre que foi Allan Kardec, não soube respeitar os legítimos direitos da Federação Espirita Portuguesa, como representante oficial do movimento espirita português, outorgada pelo 1.º Congresso Espirita Português, realizado em Lisboa, em Maio de 1925;

— Considerando que a simples leitura do programa desta festa comemorativa,

publicado na imprensa diária de Lisboa, revela, clara e insofismavelmente, a monstruosa e inqualificável deficiência moral e intelectual do seu organizador, fazendo figurar, numa consagração póstuma ao venerando Mestre, Allan Kardec: — **um discurso de saudação aos católicos**; outro **discurso de saudação aos protestantes**; e ainda outro **discurso de saudação aos neo-espiritualistas**; num agregado, tão incoerente e ilógico, quanto hipócrita, desleal e sacrílego, representativo do mais aviltante insulto lançado à memória do Mestre insigne, vítima de inúmeras perseguições e vexames das religiões dogmáticas e em manifesta contradição com os princípios fundamentais do Espiritismo;

— Considerando que a Federação Espírita Portuguesa foi alvo de grosserias e impropérios nesta farça indigna, partindo dum indivíduo cadastrado na polícia, a quem há meses foi proibida a entrada nesta Federação, que usa o nome de Lion de Castro, o que produziu ruidosos protestos e a quem o sr. Yvon Costa, logo em seguida, teve o impudor moral de abraçar efusivamente e premiar com um significativo ramo de flores;

— Considerando que, fazendo parte do programa desta Comemoração **um discurso de saudação aos católicos**, estes foram vítimas da mais abjecta e abominável cilada, tendo sido ali ridicularizada, desleal e injuriosamente, a *consagração da hóstia*, representativa dum profundo e transcendente simbolismo esotérico, não tendo sido atacado o protestantismo, apenas por estar presente um bispo protestante, como declarou o próprio orador, o que provocou enérgicos protestos e a saída tumultuária dos católicos presentes;

— Considerando que o sr. Yvon Costa profanou a memória de Allan Kardec para abrir caminho aos festivais com que explora em seu benefício a boa-fé dos incautos, tendo já industrializado duma maneira ignóbil esta festa comemorativa;

— Considerando que o programa dêste festival representa uma indecorosa afronta a todos os espíritas nacionais e estrangeiros que veem sofrendo tôda a ordem de perseguições e vexames das religiões oficiais dogmáticas, e até de algumas desvairadas correntes neo-espiritualistas, nomeadamente os nossos dedicados Confrades de Braga, há poucos meses ainda, tendo sofrido os rigores duma excomunhão do senhor Arcebispo daquela arquidiocese, assim como os leitores do seu órgão oficial — « *Luz e Caridade* »;

— Considerando que o sr. Yvon Costa se apresenta, abusiva e ilegalmente, com o título de médico brasileiro, usando processos inqualificáveis que definem a sua insuficiência moral, recorrendo à propaganda do Espiritismo em Lisboa, apenas como pretexto e campanha de réclame para conseguir clientes para o seu consultório mais do que suspeito, origem dos mais escandalosos abusos já do domínio público, e, bem assim, para angariar alunos para a sua Escola Iniciática de Ocul-tismo, de processos inverosímeis e de efeitos perniciosos, pela sua crassa e reconhecida ignorância em assuntos de tal natureza;

— Considerando que o sr. Yvon Costa, quer no Brasil, quer em Portugal, tem desprestigiado elementos que tem prestado os mais valiosos serviços ao Espiritismo, tendo feito aqui as mais depreciativas e insidiosas referências à Federação Espírita Brasileira e outras Federações Espíritas Estaduais e aos seus mais lúdimos representantes a quem nos ligam os mais affectuosos laços de confraternização, de ideal, de reconhecimento e do mais subido aprêço;

— Considerando que o sr. Yvon Costa tem tentado, ainda que baldadamente,

todos os processos, os mais indecorosos e depreciativos, para com esta Federação, a-fim-de separar e desunir os espíritas portugueses, lançando a perturbação nos trabalhos de propaganda federativa, que tiveram de ser suspensos;

— Considerando que o sr. Yvon Costa, intitulado-se propagandista espírita, desconhece o Espiritismo, permitindo-se fazer afirmações inverosímeis, ignaras e rídículas, sobejamente reveladoras da sua incapacidade intelectual e minguada cultura, que só desprestigiam o Ideal e dificultam a acção construtiva desta Federação, como por exemplo: afirmando numa conferência pública, única a que assistiram os membros desta Direcção, «*que o perispírito entrava no feto pelos poros do ventre da mãe «à maneira duma pomada» (sic), e que os partos só são devidos à acção aspiradora do perispírito» !!!...*;

— Considerando que a caridade cristã e o espírito de larga tolerância que orientam esta Federação não podem transigir com abusos tão inqualificáveis que só desprestigiam o Ideal que tem o dever indeclinável de defender e nobilitar, pondo-o ao abrigo das investidas e assaltos de todos os aventureiros e charlatães que fazem do Espiritismo profissão e indústria, explorando ignòbilmente a boa-fé, ingenuidade e ignorância do público em seu benefício próprio;

A Direcção da Federação Espírita Portuguesa, cònsua das altas responsabilidades e dos prejuízos morais e materiais que poderiam advir do seu silêncio, que até agora tem mantido, benévola e generosamente, ainda que violentada pela gravidade de acontecimentos públicos e notórios, nem todos mencionados nestes considerandos por decòro próprio e comiserção, resolveu por **unanimidade**:

1.º Tornar públicas estas declarações no seu órgão oficial para elucidação das pessoas de boa-fé;

2.º Dar publicidade só a alguns documentos dos que possui, mas suficientemente elucidativos do valor moral do sr. Yvon Costa, não os publicando integralmente, atendendo ao carácter desta revista e ainda por decòro próprio, só o fazendo se a isso fôr forçada pelo sr. Yvon Costa, sejam quais forem então as consequências que dessa publicação resultem para o mesmo senhor;

3.º Propôr ao digno Conselho Superior Deliberativo da Federação Espírita Portuguesa a aplicação do artigo 10.º dos nossos Estatutos, relativo a irradiações, a todos os sócios que, a partir desta publicação, participem nos manejos do sr. Yvon Costa para desprestígio da Doutrina espírita ou desta Federação;

4.º Tornar pública a proíbição formal da entrada do sr. Yvon Costa na sede da Federação Espírita Portuguesa.

PELA DIRECÇÃO DA FEDERAÇÃO ESPÍRITA PORTUGUESA

(a) A. A. Martins Velho

(a) António J. Freire

(a) António L. Vilela

(a) Pedro Cardia

(a) João José Alves

Lisboa, 3 de Abril, de 1928.

Transcrito do diário brasileiro — «Folha do Norte» — do Pará (Brasil, de 25 de Fevereiro, de 1926:

UNIÃO ESPÍRITA PARAENSE

A Directoria da União Espírita Paraense, reunindo-se hoje, quarta-feira, vinte e quatro de Fevereiro de 1926, pela primeira vez, após a Assembleia Geral, realizada no dia 21, na qual foi eleita e empossada, testemunha das lamentáveis ocorrências oriundas da presença no seio social, do sr. Yvon Costa, que não correspondeu à confiança que a Directoria anterior nêlo depositou, quando lhe abriu as portas da sede social, para nela realizar conferências espíritas:

— Considerando que êsse sr. se desviou da verdade logo ao apresentar-se, intitulando-se médico pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, quando dessa Faculdade não consta o seu nome por ela diplomado, conforme certidão em poder desta Directoria;

— Considerando que, desobedecendo à Presidência da Directoria anterior, à qual, por todos os meios, procurou desprestigiar, faltando ao respeito, por palavras, à Federação Espírita Brasileira da qual somos filiados e à qual devemos disciplina, a ela nos prendendo laços de profunda gratidão, porquanto foi um dos seus membros, o respeitável e venerando confrade, Frederico Figner, (também vítima dos doestos do sr. Yvon Costa), de quem, quando por aqui andou, recebemos encorajamento, trabalho e donativos avultados para a compra e adaptação do nosso edificio social;

— Considerando que, da tribuna da própria União, sem atenção pelos protestos do anterior Presidente, e, ainda, em conferências públicas, e em artigos esparsos em jornais, desconsiderou dedicados confrades nossos, velhos batalhadores, como Nogueira de Faria, Pinheiro (Filho), Rafael Gomes, e outros, afirmando, em artigo publicado pela imprensa, não serem os mesmos espíritas;

— Considerando que em contrário às suas afirmativas, êsses abnegados confrades são crêdores de relevantes serviços prestados à nossa causa; o primeiro, além de muitos outros, com a publicação das suas duas obras de grande successo: — «*A Renascença da Alma*», e «*O Trabalho dos Mortos*», esta última citada pelo célebre escritor Gabriel Delanne no seu último livro, «*A Reincarnação*», páginas 58 a 60; e, os dois últimos, também, entre muitos outros, concorrendo com tôda a sua dedicação e esforço e com importantes donativos, ao lado de Frederico Figner, para a compra e adaptação do edificio social;

— Considerando que, ainda da tribuna, se referiu em termos desatenciosos, à respeitável classe médica, atacou o catolicismo, o protestantismo, e outras religiões, todas elas, como disse, por êle já percorridas nos seus curtos 28 anos de idade, sem que em nenhuma tomasse assento, referências e ataques êsses contrários ao respeito e à tolerância que devemos aos nossos semelhantes e à crença alheia;

— Considerando que, indo além dos limites que lhe estavam traçados como hóspede da União, procurou desunir o que encontrou unido, intrometendo-se na nossa vida íntima, insinuando chapa para as eleições a-fim-de ali dominar, concedendo até, prèviamente, sôbre as mesmas eleições, a entrevista que se encontra no jornal «*A Província do Pará*»;

— Considerando que, impedido pela Directoria anterior (excepção de um dos seus membros) de penetrar na União, ao lado de vários sócios, que assim se tornaram passíveis da pena estabelecida nos Estatutos sociais, aliciou massa anónima, procurando invadir o edificio social, tentativa que reproduziu na noite do dia das eleições;

— Considerando tudo quanto aí fica e o mais que é sabido, público e notório;

— Considerando ainda que o próprio Evangelho Espírita (13.^a ed., pág. 178) «*diz ser preferível a perda de um só homem a consentir-se que muitos venham a ser vítimas dêle*»;

— Considerando, finalmente, que a sua readmissão na União Espírita Paraense, importaria na sanção da Directoria à sua desobediência à Directoria anterior; ao desprestígio que lançou sôbre a Federação Espírita Brasileira; às suas desconsiderações a prezados e queridos confrades nossos; às suas desatenções à respeitável classe médica; e aos seus ataques a crenças e religiões alheias, tornando-se a Directoria, se tal permitisse, cúmplice de seus actos e palavras;

Resolve, como primeiro acto seu, com a consciência serena, isenta de paixões, dando atestado de solidariedade para com a Directoria anterior (excepção de um de seus membros), collocando-se ao lado de todos os ofendidos; interpretando o sentir da grande maioria que a elegeu; cumprindo a sua promessa de congraçamento que a força fazer cessar a causa para que cesse o efeito:

Proibir, como de facto proibida fica, a entrada, no edificio social da União Espírita Paraense, ao sr. Yvon Costa, devendo ser esta levada ao conhecimento de todos por meio de publicação pela imprensa.

(aa) *Major Solerno Moreira, Presidente; A. Luculo, Vice-Presidente; J. Drummond Nogueira, 1.º Secretário; Arthunio Vieira, 2.º Secretário; João da Rocha Fernandes, Tesoureiro.*

Transcrevemos alguns trechos do diário brasileiro — « O Estado do Pará » — de 20 de Janeiro de 1926, do artigo subordinado ao título:

« CAMELOT » KARDECISTA

Demosthenes reincarnado em « camelot », o sr. Yvon Costa trazia na cachimónia, ao chegar aqui, a trágica intenção de explorar a pascacice idiota de certa gente.

E conseguiu êste intuito? Felizmente, não. A opinião sensata desta terra encontrou-o com as devidas reservas. Das pessoas cultas do nosso meio raras se deram ao trabalho de sair de casa para ouvir os arroubos lírico-bombástico-purgativos que o filósofo-pêga esguichava diariamente na cabeça de quinhentos ouvintes, citando os manifestos do Isidoro de embrulho com a Epístola de Paulo aos Coríntios; recomendando Chernowicz para consultas de Direito, confundindo gato com rato, alho com pimenta, camarão com tralhoto.

Assim mesmo Yvon, o Geitoso, ainda pôde arrumar, da boa fé de nossa gente, um festival no Palace Theatre — era o que êle queria! — e mais havia de conseguir, se mais pedisse, porque êste mundo, infelizmente, é dos que vivem contando lorótas, perambulando pela face da terra, a cumprir o sinistro destino daquela raça que Lenine gostaria de vêr extinta: a prolifera raça dos desocupados.

Yvon, o Garboso, foi, por alguns dias, o preferido dos engraxantes, dos sapateiros, dos lunáticos, dos sonhadores e até mesmo de gente boa que, pelo hábito de ir ao circo, não deixava nunca de torcer o caminho para ouvir as histórias da Gata Borracheira, as façanhas de Sancho Pança e os sonetos de Bocage que Yvon, o Pândego, contava ou recitava da tribuna.

Se Yvon, o comodista, fôsse espírita de verdade, falasse aos seus irmãos dos primores do perispirito, das agruras do espaço e do metapsiquismo de Richet, vá lá.

Ao contrário, porém, provado está que o propagandista não passa de papel de pegar mósca, abiscoitador de pedaços inteiros de Kardec e Denis, parlapatão de fôlego largo, que tem a virtude de falar horas a fio sem se responsabilizar pelas asneiras que diz.

Falta-lhe em bom senso o que lhe sobra em audácia. Não conheceu nunca uma gramática portuguesa. Estropia a pronúncia das palavras, concorda mal o sujeito com o verbo, desarticula os períodos, embrulha as frases, mistura-as, mastiga a idéa, repete o que disse, tudo isto numa disparada de bonde « Pará Electric » quando perde o freio.

Sobe e desce, pular e mexe, gesticula, saracoteia, fala, fala, fala e fala, fala coisas aéreas, amorfas, capengas, desconchavadas, mas fala sempre, e como a sua mania é falar, vai falando com o nariz, com os olhos, com os ouvidos e com os cotovelos.

Vasio de erudição, de sua vaidade nos assuntos que tagarela diz bem alto a atitude dos seus confrades.

De uma feita, para demonstrar que o melhor macaco é aquele que ocupa dois ou três galhos duma vez, ao terminar uma conferência, teceu um panegírico a Allan Kardec, levando-o de cambalhada com Luthero e o santo José de Anchieta, confessando, afinal, que tanto lhe eram simpáticos os calvinistas, como os católicos, os ateus ou os maometanos; isto é, que, dados os espinhos de sua profissão, êle era pau para tôda a obra, amigo de todo o mundo e camarada de tôda a gente.

Continuando a série de suas aventuras, Yvon, a quem chamam « doutor », — não sei se « doutor de curar » ou bacharel em secos e molhados, — convidou a classe médica para assistir a uma conferência a ela dedicada, na qual a classe médica primou pela ausência, não comparecendo nem mesmo um dos médicos que, no Pará, podem ser úteis a Yvon, que é o ilustre dr. Azevedo Ribeiro, zeloso director do Asilo de Alienados...

* * *

Do nosso Prezado Confrade, sr. Rafael Fernandes de Oliveira Gomes, dedicado membro da Comissão Brasileira Pró-Federação Espírita Portuguesa, transcrevemos duas elucidativas cartas :

Ribeiradio, 16 de Fevereiro, de 1928

Ex.^{mo} Senhor

Pedro Cardia

Ilustre Secretário Geral da Federação Espírita Portuguesa.

Prezadissimo e Ilustre Confrade :

Demorei um pouco em responder à vossa prezadíssima carta, de 8 do corrente, devido à chegada a Ribeiradio de pessoas que me são muito queridas.

Deus permita que a minha demora não vos tenha trazido qualquer contratempo.

Yvon Costa: *Não é médico, e eu quisera conservar-me em silêncio, sem me envolver com os desatinos desse senhor, que no Pará, causou à família espírita, os maiores desgostos, com o incorrecto modo de fomentar intrigas, usando para fins inconfessáveis todas as armas, inclusivè de um Habeas-corporis, para se apoderar da nossa União Espírita Paraense.*

São tantos e tão graves os actos que desabonam Yvon Costa, que, se fôr preciso para vosso govêrno, pedirei à União Espírita Paraense que forneça ao digno irmão cópia dos valiosísimos documentos em seu poder, e que dizem consubstanciadamente quem é Yvon Costa. — E' o palrador; a pedra de escândalo.

Portanto, para defesa da colectividade, ensina o Evangelho : que conforme as circunstâncias é um dever desmascarar a hipocrisia e a mentira ; porque é preferível a queda de um só homem a consentir-se que muitos venham a ser vítimas dêle.

As minhas preces a Deus são para que os dignos dirigentes da Federação Espírita Portuguesa recebam do Alto a Santa Luz, que firmará em terras do velho e honrado Portugal, as sublimes verdades do Espiritismo.

Subscrevo-me com a máxima consideração e estima, desejando-lhe

Paz em Jesus.

O irmão

(a) RAFAEL FERNANDES DE OLIVEIRA GOMES

*

Ribeiradio, 14 de Abril, de 1928

Ex.^{mo} Sr. Pedro Cardia

LISBOA

Prezadissimo Confrade

Pede o meu bom amigo permissão para publicar a carta que escrevi, reportando as informações sollicitadas sôbre Yvon Costa, pela Federação Espírita Portuguesa da qual sois digno Secretário Geral.

Sim, podeis publicá-la, se impossivel vos fôr demover Yvon Costa do caminho vergonhoso que vem trilhando.

Infelizmente, ou felizmente, conheço de sobra os frutos produzidos pelo propagandista, que no Brasil se celebrizou, pelas suas inconfessáveis farças.

Usa, com muito abuso, da mentira e tem arte de se fazer passar por grande missionário, sabendo tirar partido dos pobres crentes, que de boa fé, vão atrás da sua missão divina.

Conheço um grande número de espiritas que no Pará lastimam ter perdido velhas afeições, amisaes sinceras, por serem na insensatez desse pobre Yvon Costa. Acreditavam ser médico, e, como tal se dizia, formado pela Faculdade do Rio de Janeiro, a uns, e de Minas Gerais, a outros.

Preciso se tornou à União Espírita Paraense, expoente máximo do espiritismo no Pará, para evitar sérios abusos praticados por Yvon, mandar tirar no Rio de Janeiro, certificado nas duas Faculdades de Medicina, vindo um desmentido formal para eterna vergonha de Yvon Costa.

Crê, o amigo, que isso bastou para abalar os instintos de Yvon? Isso sim! Não se deu por achado, e arranjou um papelucho qualquer, que mostrava aos simples, dizendo ser a sua carta de médico, continuando a receitar, a essa pobre gente, com o máximo cuidado de não assinar as receitas.

Não satisfeito com tão vergonhosos escândalos, fez o que nunca julgávamos capaz de fazer: querer apossar-se por uma ordem de Habeas-Corpus, da União Espírita Paraense, que por medida de saneamento moral o havia afastado da sua sede.

Ainda outros desatinos praticou, conforme minucioso relatório arquivado na União Espírita Paraense, de que mandarei vir cópia se preciso for, para vosso governo.

Termino, pedindo a todos os bons espiritas uma prece, por essa ovelha tresmalhada, que naturalmente na pátria dos Espíritos muito tem a sofrer por olvidar as palavras do Mestre dos Mestres sobre o escândalo, quando diz: «Ai do mundo por causa dos escândalos; porque é necessário que sucedam escândalos; mas ai do homem por quem vem o escândalo. (S. Mateus, XVIII, v 7.)»

Saudando fraternalmente o bom amigo e a Direcção da Federação Espírita Portuguesa a quem testemunho a mais alta consideração e estima,

Subscrevo-me com muita amisade,

Confrade dedicado

(a) RAFAEL FERNANDES DE OLIVEIRA GOMES

* * *

Sem comentários, transcrevemos a carta dirigida ao sr. Dr. A. A. Martins Velho pela senhora D. Maria Veleda, que presidiu à festa comemorativa do 58.º aniversário do eminente Mestre, Allan Kardec, promovida e dirigida pelo sr. Yvon Costa.

A' Direcção da Federação Espírita Portuguesa apenas, por agora, compete declarar que a senhora D. Maria Veleda nunca foi nem é sócio da Federação Espírita Portuguesa, à qual não prestou, até hoje, o mais insignificante serviço.

Lisboa, 2 de Abril, de 1928.

Ex.^{mo} Sr. Presidente da

FEDERAÇÃO ESPÍRITA PORTUGUESA:

Tendo sido convidada para presidir à sessão solene que se realizou ontem no Ateneu Comercial, comemorando a desincarnação de Allan Kardec, aceitei esse convite por me ser grato associar-me à homenagem prestada ao grande codificador do Espiritismo. Com desprazer ouvi o discurso proferido pelo sr. Lion de Castro — tanto pela sua inoportunidade, como por se tratar de um desforço pessoal, que se me tornou absolutamente antipático. Eu deveria ter interrompido o orador e abandonar a presidência nessa altura. Não o fiz porque não me ocorreu, na ocasião, que seria essa a atitude mais consentânea com a imparcialidade que desejo manter em emergências tais.

Mas porque a franqueza do meu carácter não tolera situações dúbias, venho lealmente declarar a V. Ex.^a que me não solidarizo com o procedimento do sr. Lion de

Castro e que, se antecipadamente soubesse o que elle ia dizer, me teria recusado a presidir àquella sessão.

Pode V. Ex.^a fazer desta carta o uso que quiser. Não desejo que me julguem adversa à **Federação Espírita Portuguesa**, porque o não sou, nem tão pouco ao Ilustre Vice-Presidente desta agremiação, a quem o sr. Lion de Castro visou no seu, descabido desabafo. E só lamento que entre pessoas que, embora em campos diversos, lutam e se sacrificam pelo ideal comum que é o bem da Humanidade, surjam divergências, desacordos e mal entendidos, que servem apenas para desprestigiar os seus defensores, e entristecer profundamente os que, como eu, só desejam harmonia, Paz e Amor entre todas as criaturas.

Saudando V. Ex.^a, subscrevo-me

De V. Ex.^a a mais humilde admiradora

(a) MARIA VELEDA

* * *

Ex.^{mo} Senhor

General Júlio César Barata Feyo

Dig.^{mo} Presidente do Conselho Superior Deliberativo
da Federação Espírita Portuguesa

Prezado Confrade:

São já do pleno conhecimento de V. Ex.^a os deploráveis e ignominiosos acontecimentos ocorridos no dia 1 de Abril corrente, nesta capital, na pretensa Comemoração do 58.º Aniversário da desincarnação do eminente fundador do Espiritismo, Allan Kardec, realizada para fins inconfessáveis, sob a iniciativa, patrocínio e direcção do sr. Yvon Costa.

A Direcção da Federação Espírita Portuguesa, reunida em sessão extraordinária, dois dias depois, atenta a gravidade dos escândalos, tumultos e protestos ocorridos naquela farça sacrílega, estuante de baixos sentimentos insofridos, resolveu, **por unanimidade**, levar ao conhecimento e sanção do digno Conselho Superior Deliberativo as deliberações seguintes:

1.^a — Participar que nenhum membro desta Direcção assistiu a essa festa comemorativa;

2.^a — Levar ao conhecimento do digno Conselho Superior Deliberativo que um só membro da Comissão organizadora dêsse festival é sócio desta Federação, e, além dêste, só mais três sócios tomaram parte activa, não ocupando, actualmente, nenhum dêstes quatro sócios cargo algum dentro dos numerosos Corpos Gerentes desta Federação;

3.^a — Que tendo incorrido estes quatro sócios na falta do cumprimento do artigo 8.º, alínea b), da nossa Organização Estatutária, e sendo taxativo para esta Direcção iniciar o cumprimento do artigo 10.º dos nossos Estatutos, relativo a irradiações:

— A Direcção da Federação Espírita Portuguesa pede a devida autorização ao digno Conselho Superior Deliberativo, apelando para a sua reconhecida generosidade e clemência, como expressão máxima da nossa doutrina, para que não sejam organizados os processos disciplinares para a irradiação de sócio algum, na plena convicção de terem sido ludibriados na sua boa-fé, deixando-se arrastar, inconscientemente, como meros e secundários comparsas, único motivo justificativo de tão insólito e censurável procedimento;

4.^a — Participar que foram suspensos os trabalhos experimentais e conferências de propaganda, quer dentro desta Federação, quer em Lisboa, pelo tempo necessário à elaboração de Regulamentos que salvaguardem devidamente os interesses e prestígio da Federação Espírita Portuguesa e que serão previamente sujeitos à aprovação do digno Conselho Superior Deliberativo.

Pela Direcção da Federação Espírita Portuguesa

(aa) A. A. MARTINS VELHO

ANTÓNIO J. FREIRE

ANTÓNIO L. VILELA

PEDRO CARDIA

JOÃO JOSÉ ALVES

Lisboa, 4 de Abril, de 1928

Congresso Internacional de Espiritismo

De triênio para triênio vem aumentando consideravelmente o entusiasmo e interesse pelos Congressos Internacionais de Espiritismo, nêles vindo colaborando cientistas, literatos e artistas dos mais consagrados na Europa e América, acorrendo a estes certames onde se debatem os mais palpitantes problemas para a regeneração neo-espiritualista da Humanidade, em tôda a complexidade dos seus múltiplos aspectos: científico, filosófico, moral, social e religioso.

Ainda está bem vivo na memória de todos os espíritas o brilhantismo de que se soube revestir o último Congresso Internacional de Espiritismo, realizado em Paris, em 1925, de que se fez eco tôda a grande imprensa mundial, patrocinado pela Federação Espírita Internacional, que vem prestando à nossa causa os mais relevantes e devotados serviços, com a sua proficiência e dedicação dignas de todas as homenagens.

A providencial missão do Espiritismo na renascença neo-espiritualista contemporânea é flagrante de verdade através do seu experimentalismo vasto e complexo, para todos aqueles que, libertos de interesses e de falsos preconceitos, o queiram compreender e estudar nas suas múltiplas modalidades.

Este Congresso realiza-se êste ano em Londres, e, facto digno de especial registo:— a Sociedade Teosófica Inglesa, talvez a mais importante da Europa, ofereceu-se para cooperar espontânea e dedicadamente neste Congresso, onde apresentará algumas comunicações e teses, prestando a devida homenagem ao Espiritismo, redimindo assim a desleal campanha que outras secções teosóficas vêm movendo ao Espiritismo, num desvairo inqualificável, numa incompreensão dos princípios fundamentais e da alta finalidade, quer da Teosofia, quer do Espiritismo.

Partidários duma plena e fecunda confraternização entre todas as correntes neo-espiritualistas, sem de forma alguma pretendermos dar a essa larga e fecunda *confraternização* o significado estreito de *fusão*, pois representam sistemas acen-tuadamente diferenciados, é justo que prestemos tôda a nossa homenagem a êsse lindo gesto da Sociedade Teosófica Inglesa que sabe apreciar o alto valor científico, moral e social do Espiritismo e oxalá sirva de exemplo a outras secções da Sociedade Teosófica, quer europeias, quer americanas, que não perdem oportunidade de deturpar o valor intrínseco do Espiritismo, numa desorientação e incoerência dignas de tôda a nossa comiseração e que não resistiriam à mais superficial análise crítica.

FEDERAÇÃO ESPÍRITA INTERNACIONAL

CONGRESSO TRIENAL

a realizar em Londres de 7 a 13 de Setembro de 1928

Apêlo da Comissão Organizadora do Congresso Espírita Internacional

O sucesso universal do Congresso Espírita Internacional realizado em Paris em 1925, criou para o Espiritismo Internacional um estatuto edeu-lhe uma importância que a nossa Causa nunca tinha atingido. Esta situação não pode diminuir e a nossa Federação deve esforçar-se por alcançar ainda um maior sucesso.

Fazemos o mais instante apêlo aos espíritas do mundo inteiro para

que êles nos garantam a sua cooperação e o seu apoio, a-fim-de que o Congresso de 1928 seja uma nova manifestação de Unidade fraternal e espiritual.

Para assegurar o êxito do Congresso, os espiritualistas da Grã-Bretanha uniram as suas forças e consagraram os seus serviços e a sua dedicação ao bem comum do Espiritismo Internacional.

Os encargos financeiros serão, como sempre, necessariamente pesadíssimos e a Comissão Organizadora espera confiadamente que os espiritualistas do mundo inteiro reconhecerão a responsabilidade que lhes cabe no êxito dêste Congresso. Pedimos a todos uma generosa contribuição financeira para cobrir estas despesas.

Nesta esperança agradecemos antecipadamente de todo o coração a todos os oferentes e enviamos-lhes as nossas reconhecidas saudações.

GEORGE F. BERRY

Secretário da Comissão Organizadora

Todos os donativos devem ser dirigidos ao Secretário Geral do Congresso da F. E. I.:—George F. Berry—Spiritualists' National Union—Broadway Chambers—162, London Road—Manchester—England.

CONGRESSO ESPÍRITA INTERNACIONAL (Trienal)

Londres, de 7 a 13 de Setembro de 1928

Aberto a todas as Federações, Associações, Sociedades e Centros espíritas. A Comissão aceitará igualmente todas as comunicações que possam ser-lhe enviadas.

EXPOSIÇÃO

A «Federação Espírita Internacional», a convite da Spiritualists National Union da Grã-Bretanha, celebrará o seu próximo Congresso trienal em Londres. As principais reuniões terão lugar nas salas «Queens Gate», «Harrington Road», «South Kensington», London S. W. 7; outras, menos importantes, realizar-se hão nas salas da «London Spiritualist Alliance», que teve a amabilidade de as pôr à disposição do Congresso. As Associações Espiritualistas seguintes unem-se para formular o presente convite: The British Spiritualist Lyceum Union, The London Spiritualist Alliance, The British College of Psychic Science, The Marylebone Spiritualist Association, The Spiritualist Community e o Bureau Stead.

O Congresso de Paris de 1925 aceitou por unanimidade as resoluções seguintes, como traduzindo a Filosofia e os Princípios fundamentais do Espiritismo Internacional:

1—A existência de Deus como inteligência e suprema Causa de todas as coisas;

2—A existência da Alma, ligada (durante a sua vida terrestre) ao corpo físico perecível, por um corpo fluídico intermediário (perispírito) de natureza indestrutível;

3—Imortalidade da Alma, evolução contínua para a perfeição por estágios de vida progressiva;

4—Responsabilidade universal, simultaneamente individual e colectiva entre todos os seres.

O fim do próximo Congresso será mostrar que a Filosofia e os Princípios do Espiritismo são baseados num estudo dos fenómenos objectivos e subjectivos da psicologia experimental. Ele estabelecerá em termos claros o carácter realmente científico dos métodos experimentais espiritistas e da análise de todos os fenó-

menos psíquicos e mediúnicos. Estes estudos, exigindo porém uma exploração contínua para coordenar o conhecimento e os princípios que dela podem ser deduzidos, revelam a existência duma física, duma química, duma biologia, duma fisiologia e duma psicologia transcendentais que ultrapassam os conhecimentos materialistas.

O Congresso porá em relêvo, mais uma vez, a grande significação moral e social para a humanidade, das provas experimentais que estabelecem a realidade da continuidade da vida e da consciência em outros corpos para além da sua manifestação na presente existência física. Demonstrando a impossibilidade de evitar as conseqüências que derivam da responsabilidade individual e universal, o Congresso atrairá a atenção de todos sobre as deduções tiradas dos factos espiritualistas, isto é, *sobre os princípios de acção capazes de transformar profundamente a vida dos homens e das nações e por esse meio fazer avançar a causa da fraternidade universal e da paz.*

Na sua sessão de encerramento o Congresso terá diante de si uma série de opiniões resultantes das suas deliberações, e destinadas a expôr os progressos da psicologia experimental, a tendência de sábios eminentes e de representação em admitir um elemento transcendental nas suas investigações e teorias actuais, e a tendência dos pensadores religiosos para aceitar cada vez mais as descobertas das verdades científicas e psíquicas, enfim, a aceitação progressiva, em todos os países, dos fenómenos psíquicos como parte das experiências normais da vida quotidiana.

A todos aqueles que ardentemente desejam uma tal realização do progresso humano, o Congresso de 1928 lança este apêlo: Convidamos instantaneamente todo o espiritualista a unir as suas forças às da Comissão Organizadora do Congresso de 1928; para que o Espiritismo Internacional projecte a sua luz como um farol, sobre todos os viajantes perdidos no oceano de dúvida e de incerteza com respeito ao destino último da humanidade.

*

O trabalho do Congresso será dividido em *cinco secções*; serão recebidos com prazer relatórios e comunicações para estas secções, que são assim classificadas:

- 1— Fenómenos Psíquicos e Mediúnicos;
- 2— Doutrina, Filosofia, Ética;
- 3— Propaganda, Organização;
- 4— Exposição Psíquica (aberta durante todo o Congresso);
- 5— Sessões para a demonstração dos fenómenos e da mediunidade.

PRIMEIRA SECÇÃO

Fenómenos Psíquicos e Mediunidade

a) Factos probativos da existência no homem duma potência extra-material ou seja força psíquica. Os métodos e aparelhos empregados para descobrir e desenvolver esta força no médium. Os seus modos de manifestação;

b) Força psíquica agindo a distância, isto é, telepatia, telequinésia; fenómenos luminosos, efeitos curativos (com ou sem contacto) da mediunidade curadora;

c) Factos demonstrativos da existência e da acção duma consciência extra-sensorial, ou seja: sonambulismo, clarividência, psicometria e premonições.

d) Os fenómenos de mediunidade propriamente ditos: manifestações espontâneas, aparições, visões, assombramentos. — Demonstração da existência e da acção do espírito (perispírito). — Materializações, ectoplasma, ideoplasma, voz directa, fenómeno da trombeta, fotografia, fonografia, moldagens espíritas, bilocação, verifi-

cação espírita e personificação, ensaio de identificação das entidades que se manifestam.

SEGUNDA SECÇÃO

Doutrina, Filosofia, Ética

- a) Provas da existência da alma ;
- b) Sobrevivência da alma ;
- c) Evolução progressiva da alma no Além ;
- d) Reincarnação : suas provas e sua significação ;
- e) O Espiritismo como filosofia, como religião da evolução universal ;
- f) A acção dos factos e da filosofia espiritista na sciência moderna, na moral e na sociologia.

TERCEIRA SECÇÃO

Propaganda, Organização, Literatura

- a) Método de organização dos grupos, federações, associações nacionais, instituições, obras de caridade, estatística ;
- b) Leituras e projecções, *films* e peças teatrais ;
- c) Jornais, periódicos, folhetos e livros consagrados ao espiritismo.

QUARTA SECÇÃO

Exposição de arte espiritista, etc.

A Comissão Organizadora faz um instante apêlo aos espiritualistas para que enviem, a título de empréstimo, para a exposição a realizar durante o Congresso, todos os objectos ou documentos relacionados com as seguintes categorias :

- a) Fotografias de « formas-pensamento » e da fôrça psíquica ;
- b) Fotografias de « duplos », espíritos, entidades e ideógrafos ;
- c) Pinturas mediúnicas, desenhos, escritas, etc ;
- d) *Apports*, moldagens, etc.

QUINTA SECÇÃO

Sessões

Em atenção aos delegados e visitantes de além-mar e outros, a Comissão Organizadora, com o concurso da « London Spiritualist Alliance » e alguns médiuns ingleses, organizou uma série de sessões de voz directa, fenómenos de trombeta e outras formas de manifestações psíquicas, clarividência, transe mediúnico, etc.

Todas as informações sôbre o horário das sessões, direitos de entrada, etc., serão dadas pela Secretária da Comissão de Recepção : — Miss M. Phillimore — London Spiritualist Alliance — 15, Queensberry Place — South Kensington. London S. W. 7.

Aviso importante — A Comissão espera que todos os países que enviem delegados ao Congresso lhe mandarão um relatório destinado a discussão. Estes relatórios serão limitados a um tamanho que não exceda meia hora de leitura, isto é, não devem comportar mais de 5:000 a 6:000 palavras. Será dada a preferência aos relatórios enviados por intermédio das associações filiadas na Federação Espírita Internacional. Os relatórios deverão ser em francês, espanhol, alemão ou inglês ; mas o trabalho da Comissão será consideravelmente facilitado se todas as comunicações forem acompanhadas dum breve sumário em francês ou inglês.

Todas as comunicações deverão ser dirigidas ao Secretário Geral da F. E. I. — Monsieur Ripert — Maison des Spirites — 8, Rue Copernic — Paris (16^e).

Os relatórios e comunicações deverão ser divididos, tanto quanto possível, segundo a classificação dada acima. Cada assunto deverá ser tratado num relatório separado de maneira

a facilitar o trabalho da Comissão Organizadora do Congresso. Todos os relatórios e comunicações *deverão ser escritos dum só lado do papel.*

Exposição psíquica — Todos os objectos, quadros, escritas, destinados à Exposição, deverão ser enviados à Secretária da Comissão de Recepção e dirigidos a: Exposição F. E. I. — Miss M. Phillimore — London Spiritualist Alliance — 16, Queensberry Place — South Kensington — London S. W. 7.

Instruções para os delegados e visitantes — E' muito importante que todos aqueles que desejam assistir ao Congresso, a qualquer título que seja, façam chegar o seu pedido antes de 31 de Maio de 1928, o mais tardar.

Aos delegados oficiais e outros representantes poderá garantir-se um exemplar do *Relatório Oficial do Congresso*, logo que se publique, desde que juntem ao seu pedido a soma de *cinco shillings*.

Todos os visitantes do Congresso, *além dos delegados oficiais*, se convidam a *subscrever para o Congresso*. A contribuição de *dez shillings e seis pence*; dar-lhes há direito a assistir a todas as sessões gerais e aos debates públicos, mas sem direito de voto.

Todos os pedidos de admissão, acompanhados do montante das contribuições acima indicadas, deverão ser dirigidos ao Secretário da Comissão Organizadora: Mr. George F. Berry — Spiritualists' National Union — Broadway Chambers — 162, London Road — Manchester — England.

NOTA — Todos os relatórios e comunicações destinados ao Congresso deverão ser enviados ao Secretário Geral da Federação Espirita Internacional, 8, rua Copernic, Paris (16°), antes de 31 de Maio de 1928, o mais tardar.

MILAGRE E ACASO

Além, onde se perde o entendimento no labirinto profundo da realidade, a sombra do mistério abre as suas asas de treva. O domínio do conhecimento humano é tão estreito que apenas abrange uma parte insignificante das leis que regem os fenómenos. As leis conhecidas representam uma tentativa sintética de interpretação da realidade e por isso se modificam de harmonia com as suas exigências. O aparecimento de novos fenómenos vem aferir o valor dessas leis, porque não é a Natureza que procura concordar e adaptar-se às nossas concepções, mas sim estas que se modificam constantemente para atingirem uma representação mais nítida e perfeita da realidade.

A única atitude digna para com os novos fenómenos que surgem, é estudar a sua natureza e investigar da sua origem, para se formularem as leis que elles reclamam. Mas o homem, por comodismo intelectual, tem a ingenuidade de se satisfazer com palavras, mesmo que sejam vasias de sentido, desde que elas usurpem o lugar de interpretação de factos.

Foi assim que os religiosos de várias seitas inventaram a palavra *milagre* e os livre pensadores a substituíram pela palavra *acaso*.

A existência do *milagre* é incompatível com a existência de Deus pela imprevidência que revela. A sua Omnisciência ficava seriamente comprometida, pois tinha havido necessidade de derrogar as leis divinas que deviam ser sábias, justas e boas. Não sendo assim, não haveria milagre, pois esses fenómenos estavam integrados nas leis naturais. E' este o ponto de vista do Espiritismo.

Se Deus modificava as suas leis para afirmar o seu *Poder* não conseguia os seus fins, porque, com a sua atitude, apenas mostrava a falta de confiança que tinha nêle. O próprio Deus duvidava do seu poder! Era a máxima fraqueza!

O *acaso* é outra palavra que procura traduzir o mesmo pensamento, mas como é geralmente empregada por ateus, exprime um milagre mais milagroso ainda, porque não teve sequer quem o produzisse. O espírito científico procura investigar o determinismo dos fenómenos, e o *milagre* e o *acaso* pretendem secar essa fonte perene de conhecimento.

ANTÓNIO L. VILELA

CRÓNICA ESTRANGEIRA

RADIAÇÕES PSÍQUICAS

Prosseguem os estudos das perturbações que os fenómenos psíquicos podem ocasionar em aparelhos sensíveis a vibrações electro-magnéticas análogas às ondas hertzianas.

A ciência rádio-eléctrica, com os seus progressos incessantes e vertiginosos, interessando-se pelas manifestações do psiquismo humano, vai certamente trazer ao estudo dessas manifestações um considerável avanço, que nos permitirá mais rapidamente atingir um conhecimento delas tão perfeito quanto o consintam os nossos fracos meios de percepção e apreciação.

Por agora todos os esforços convergem apenas para converter as ondas recebidas em vibrações perceptíveis ao ouvido humano, que só apreende aquelas cuja frequência é compreendida aproximadamente entre 16 e 20.000 períodos por segundo.

Utilizando para esse fim aparelhos receptores do tipo Mesny, adapta-se-lhes por vezes um heterodino com o fim de fazer interferir as oscilações recebidas por oscilações locais, de modo que a diferença entre elas esteja compreendida nos limites praticamente fixados para a audição.

E' lícito supôr que, quando o estudo da televisão tiver adquirido o desenvolvimento que obteve a telefonia, os ensaios se dirijam para a conversão das radiações mentais em vibrações visíveis, que terão um campo de acção muito mais vasto, visto os nossos órgãos visuais poderem apanhar normalmente vibrações de frequências aproximadamente compreendidas entre 380 e 760 triliões de períodos por segundo.

Se em vez de se pretenderem tornar audíveis as oscilações electro-magnéticas produzidas pelos indivíduos cujo psiquismo se deseja estudar, se conseguisse torná-las visíveis, é bem provável que os resultados fôsem animadores e mais rapidamente atingissem o fim que essencialmente nos interessa.

Seria por certo esse o meio de verificar por via científica os trabalhos de Annie Besant e Leadbeater obtidos por via oculta sôbre a coloração dos pensamentos e sua interpretação.

E' bem provável que o estudo das ondas ultra-curtas se vá estendendo sucessivamente até alcançar as radiações visíveis, ultrapassando-as mesmo, e talvez tenhamos algum dia a sensação sonora das várias côres. As radiações visíveis são todavia, pela sua extrema frequência, dificilmente susceptíveis de obter uma correspondência exacta, podendo apenas conceber-se que cada grupo, numa gama bastante extensa, seja identificado por um determinado som.

Embora os progressos da ciência permitam esperar os mais audaciosos e imprevistos inventos, será talvez temerário prognosticar a transformação das radiações do pensamento, que alguns dos ilustres físicos metapsiquistas, desejosos de identificar com as ondas electro-magnéticas, consideram, em frequência, da ordem dos quintiliões por segundo e portanto de comprimento de onda inferior à milionésima de milímetro, em vibrações audíveis com uma interpretação definida.

As razões em que se baseia um dos mais ilustres espiritas, o notável físico, Sr. Andry-Bourgeois, para afirmar a elevadíssima frequência das ondas psíquicas, são fundamentadas em várias considerações teóricas e praticamente numa curiosa experiência realizada em 28 de Setembro de 1921 com um notabilíssimo clarividente, o engenheiro Ossowiecki.

Nas suas linhas gerais a experiência constou do seguinte: Leitura dum documento encerrado num tubo de chumbo de 3 centímetros de espessura, onde tinha

sido introduzido por uma pessoa que ignorava em absoluto o seu conteúdo, e elaborado por uma senhora que se achava de partida e se retirou de Varsóvia, onde os factos se passaram, antes da experiência se realizar.

Publicada na « *Revue Metapsychique* » e no livro do Dr. Geley, « *L'Ectoplasmie et la Clairvoyance* », esta experiência é altamente probativa das excepcionais faculdades deste metágnomo.

Encontrando-se o Dr. Geley e outros amigos com Ossowiecki num restaurante, onde tinham ido tomar uma refeição, passaram-lhe para a mão o tubo, cujo conteúdo todos desconheciam em absoluto, e sobre o qual Ossowiecki fez as seguintes declarações :

« Foi uma mulher quem o escreveu... (referindo-se ao papel que continha).

« E' alguma coisa que diz respeito à natureza, em relação com o homem e o sentimento. E no meio da criação... Isto foi escrito em condições muito originais.

O Dr. Geley perguntou-lhe : — E' preciso serrar o tubo ?

Resposta de Ossowiecki : — Não, esperai, não estou satisfeito. Desejo uma nova sessão.

Realizada essa sessão dois dias depois em casa do príncipe Lubomirski, teve os mais brilhantes resultados.

Primeiro com dificuldade, e depois mais facilmente, Ossowiecki, diz :

« A criação... a grande criação... a natureza... (longa pausa).

« Trata-se dum homem poderoso... E' o sentimento do povo que... é um dos grandes homens deste século...

« Não posso compreender. Vejo duas coisas... Há alguma coisa escrito, escrito por uma mulher. E há um desenho.

O desenho representa um homem com grande bigode e grandes sobrançelas, sem nariz...

« Tem um uniforme militar... Parece-se com Pildzuski.

« A escrita é em francês.

« Este homem não tem medo de nada, nem na política, nem em qualquer ordem de idéas... como um cavaleiro. »

Serrado o tubo, verifica-se conter um desenho caricatural do Marechal Pildzuskij, o bem conhecido chefe de Estado polaco — grande adepto do Espiritismo — com grande bigode, grandes sobrançelas, sem nariz e com uniforme militar.

Por baixo do desenho estava escrito :

« *Le chevalier sans peur et sans reproche.* »

Apoiado nesta experiência, como já dissemos, o Sr. Andry-Bourgeois, comparando o poder penetrante das radiações psíquicas de Ossowiecki neste exemplo de clarividência, com o poder penetrante dos raios X, conclui pela sua maior frequência, visto supôr-se geralmente a frequência proporcional à penetração das radiações.

Baseado em outros factos, êle afirma a sua convicção de que as radiações do pensamento excedem mesmo as radiações cósmicas ultra X, que segundo Millikan atravessariam uma colossal massa de água cuja resistência à penetração equivaleria a 1,80 a 2 metros de espessura de chumbo.

E' certo que poderia objectar-se ao Sr. Andry-Bourgeois, em conformidade



com a teoria da comunhão intermental, que o clarividente poderia pôr-se em relação com o subconsciente da senhora que escreveu o documento, onde colheria os elementos de informação necessários para fornecer a sua resposta.

As condições de realização da experiência levam porém a acreditar na visualização directa e um dos melhores argumentos para o demonstrar é o pormenor da descoberta pelo metagnomo da língua em que as palavras se achavam escritas.

Se se tratasse duma comunicação telepática subconsciente, natural seria também que uma das primeiras indicações fornecidas pelo seu conhecimento supranormal fôsse exactamente o nome da individualidade de que se tratava no documento.

Tudo leva a crer que as radiações do pensamento sejam de frequência muito elevada e que as radiações que o ilustre professor Cazzamali afirma serem devidas a rádio-ondas cerebrais, sejam apenas determinadas por radiações secundárias que emergem do passivo no momento da produção de fenómenos metapsíquicos.

Compreende-se que na eclosão de alguns destes fenómenos, mesmo de aparência alucinatória e de natureza intelectual, possa haver uma exteriorização fluídica que explique as perturbações electro-magnéticas que o professor Cazzamali tem estudado tão minuciosamente.

Seria interessante averiguar se durante a produção dos fenómenos físicos se darão perturbações electro-magnéticas análogas.

O professor Cazzamali, continuando as suas investigações sob o mais rigoroso critério científico e apresentando as suas conclusões ao III Congresso Internacional de Investigações Psíquicas, está prestando um inestimável serviço à humanidade, sobre o ponto de vista que tanto nos preocupa.

Quem sabe se não será baseado nas suas investigações, que nascerá o aparelho sonhado por Sir Oliver Lodge e Edison, que permita a comunicação entre incarnados e desincarnados sem o auxílio de *médium*?

Se algum sábio conseguir captar as verdadeiras radiações psíquicas por algum meio físico, tornando-as perceptíveis aos nossos sentidos e codificando os sinais recebidos, necessariamente que havemos de chegar a atingir tão prodigioso resultado!

Para se fazer uma pequena idéa das precauções de que o professor Cazzamali se rodeia nas suas experiências, vamos narrar sumariamente algumas das condições em que as realiza.

Para obter um perfeito isolamento electro-magnético construiu uma cabine de madeira coberta de chapas de chumbo de milímetro e meio de espessura, soldadas entre si e isolada do solo por isoladores de porcelana, onde é colocado o indivíduo a observar. Esta cabine pode pôr-se ou não em contacto com a terra à vontade do experimentador, por meio dum interruptor que se intercala nos fios que a ligam à terra.

A entrada faz-se por uma abertura de 75 cm. de lado e a capacidade interna da câmara comporta uma cama, uma cadeira e uma mesa.

Como por vezes as experiências são demoradas e a cubagem pequena, é necessário fornecer ar que é introduzido por meio duma turbina através dum filtro de ferro macio cheio de limalha do mesmo metal, fazendo-se por filtros semelhantes a saída do ar viciado.

A passagem de alimentos faz-se por meio de duas caixas, uma colocada externa, outra internamente à parede da cabine, cujas tampas são também perfeitamente isoladas com limalha.

Quer o isolamento electro-magnético, quer a oclusão absoluta da câmara, são demonstradas inteiramente pela completa ausência de reacção de ondas electro-magnéticas produzidas no exterior sobre um receptor colocado dentro da cabine, e pela não difusão no exterior dum perfume muito volátil colocado interiormente.

E' assim que o professor Cazzamali, depois de ter tentado experiências com

receptores de ondas de 300 a 4.000 metros experimentou aparelhos para ondas de 30 a 100 metros e tenciona observar os fenómenos produzidos em aparelhos destinados a receber ondas curtas e extra-curtas desde um metro a um centímetro, mantendo o passivo sempre perfeitamente isolado.

Consta estar no seu plano tentar experiências com ondas excessivamente longas de 3 a 30 quilómetros adoptando receptores análogos ao que Marconi imaginou para captar possíveis sinais de Marte e cujo raio de acção atinge colossais ondas de 200 quilómetros.

Os resultados obtidos até agora resumem-se nos seguintes :

Sempre que se colocam na câmara indivíduos epilépticos, histéricos, ou dum modo geral capazes de produzir fenómenos telepsíquicos e telepáticos, quer espontaneamente, quer provocados por hipnotismo, ouvem-se nos capacetes telefónicos sinais que só podem ser atribuídos a êsses indivíduos e que são recolhidos por quadros ou antenas apropriadas, ligadas a receptores de T. S. F.

Esses sinais revestem as modalidades mais variadas sem que ainda se tenha descoberto a correspondência entre sinais semelhantes e manifestações equivalentes.

Umaz vezes apresentam-se análogos aos sinais Morse, outras assemelham-se aos sons produzidos por instrumentos de corda ; em certos casos são silvos ; algumas vezes imitam sons de campainhas ou vozes afastadas outras ; parecem um ranger de dentes, etc.

O que positivamente se pode afirmar é que os indivíduos com faculdades de criptestésia e capazes de se desdobrarem, emitem oscilações do mesmo género que as de T. S. F.

E' já uma conclusão admirável reservada por certo a resultados prometedores que todos os que se interessam pelos fenómenos psíquicos devem seguir com simpatia.

PEDRO CARDIA

Não há muitos anos ainda que os jornais de Nova York se ocuparam prolixamente das manifestações de um espírito que se materializava por uma intensíssima forma, em Astaria, mesmo em frente da grande capital, na residência de Mr. Hatot, homem riquíssimo e muito conhecido em Nova York.

Tendo-lhe morrido na idade de dezoito anos sua filha Lizzia, êle e sua esposa, para se consolarem, lembraram-se de mandar vir de Boston, M.^me Hull, médium de materializações, com o fim de, por seu intermédio, poderem tornar a ver a filha idolatrada.

E, com efeito, durante todo o inverno, os esposos Hatot puderam gozar da presença de sua filha Lizzia, que se materializava e desmaterializava à sua vista em pleno salão.

M.^me Hull, o médium, caía em letargia sobre uma cadeira, à vista de todos.

Então, em breve surgia do tapete uma pequena nuvem branca, que, pouco a pouco, se ia adensando, tomando vulto humano, até que as formas graciosas de Lizzia se desenhavam com tóda a nitidez e relêvo, vivas, palpáveis como outrora.

Então a criança ressurgida corria a abraçar seus pais, sentava-se junto dêles, ou então dirigia-se ao piano, tocava os seus trechos favoritos ou cantava em voz alta, acompanhando-se conjuntamente.

Outras vezes subia ao seu quarto, acompanhada pelos seus pais, revolvía as roupas e os seus antigos brinquedos e punha-se a fazer a sua « toilette » com o mesmo cuidado que empregava quando viva na Terra.

Mas estes factos extraordinários em breve começaram a propalar-se no exterior, donde resultou enviar a imprensa os seus reporters, que foram bizarramente recebidos, seguindo-se daí os relatórios que foram publicados nos jornais mais lidos de Nova York e doutras cidades da América do Norte.

(De « As Potências Ocultas do Homem »).

A. A. MARTINS VELHO

VOZES DO ALÉM

(COMUNICAÇÕES MEDIANÍMICAS)

Não sou pessoa que me faça rogar. Cedo, com prazer, ao teu desejo e cumpro, com gosto, a minha antiga promessa. Vou, pois, desempenhar-me da primeira tarefa, visto que tenho para mim que, se nos dermos bem, outras teremos ao depois. Há tanta coisa de novo a dizer que mal sei por onde possa principiar.

Não esperes, nem ninguém, que, nestas pequenas miniaturas que daqui fazemos, possamos dar mais que ligeiros esbocetos ou insignificantes detalhes, da vida que levamos. E' ela tão diferente da daí, que não encontramos termos apropriados, nem comparações, senão longemente semelhantes, que possam dar uma fugidia idéa do que aqui se passa.

A razão é óbvia, e salta aos olhos ao primeiro golpe.

A vida na Terra é tóda própria para o homem, feito em matéria pesada e incessantemente renovável.

Essa matéria tem sensações que a magoam e tem sensações que a deleitam.

Assim, pois, o homem passa aí o tempo a preparar elementos com que satisfaça à lei natural de evolução física do seu organismo e na procura incessante, melhor direi, na diligência incessante de se esquivar às sensações magoantes e de conquistar as sensações deleitosas.

Nisso se consome, nisso está a causa de todas as suas preocupações.

A vida aqui está isenta das pesadas exigências da matéria carnal.

O homem, despojado do invólucro que aí arrastou e de que aí foi escravo, não tem, em regra, que obedecer à vontade do estômago, às ordens do mundo, nem às contingências da saúde.

A sua matéria astral, (deixa-me dizer assim para dar uma idéa compreensível), a sua matéria astral é mais leve, não é renovável, não tem, pois, exigência de refazimento próprio, nem da procriação da espécie.

Contém-se, naturalmente e sem esforço, dentro de um limite quási inteiramente espiritual.

As sensações que a dominam, conquanto sejam consoantes os infinitos graus de espiritualidade e de adiantamento em que cada um se encontra, são, todavia, todas, ou quási todas, de ordem moral. E tanto o são as sensações de desprazer, como as sensações de gozo.

Dêste modo, a diferença da vida é tão grande, quão grande fôr a diferença entre os homens, no seu relativo grau de espiritualidade.

Não se suponha que a morte nivela todos. E' isso uma das muitas ilusões que aí escondem ao olhar supersticioso dos homens a verdade. E' um dos muitos abusões da ignorância.

A morte iguala só no acto necessário do despojamento da carne; porque, assim como mata aí um sábio e um ignorante, um infante e um velho, um santo e um perverso, assim os fará ingressar aqui sábios e ignorantes, infantes e velhos, santos e perversos.

Só ao depois é que cada um, prosseguindo na sua evolução interrompida aí pelo corte feito pela implacável Parca, ao fio da sua existência terrena, segue, segundo a orientação que traz, ao destino que as suas qualidades ou os seus defeitos o encaminham.

Mas não vão ficar inactivos. Não vão entregar-se à sonhada beatitude os

bons, nem cair na temerosa *caldeira* os maus. Readquire cada um o seu arbítrio, conformemente ao seu aprazimento.

Teem os bons vasto ensejo de dar largas aos seus sentimentos caritativos, espalhando-se em todas as direcções, levando consolos, aconselhando coragem, exemplificando paciência e prègando a resignação como principal veículo para se chegar à perfeição, onde só impera o amor e a paz da consciência; assim como os que não são bons teem ocasião de dar largas aos instintos ainda atrasados.

E não se suponha que estes são inteiramente maus e eternamente maus. Não. Enquanto a êles próprios, teem de evoluir, mais vagarosamente ou mais apressadamente, segundo o empenho que puserem na sua vontade de fazerem ou não fazerem actos que, perante a justiça e a moral absolutas, se possam considerar bons, e que como tais a sua consciência intencionalmente os tenha ou pratique. Nos actos que a mesma consciência reprove, êles podem fazer bem; mas não são como bons contados ao seu activo de progresso, porque não correspondem à deliberada vontade de progredir, nem ao desejo de como bons os fazerem. Se não aproveitam, porém, a quem os pratica, podem aproveitar àqueles contra quem são praticados.

Um homem que aí na Terra fôr mau, a morte trá-lo-há aqui ainda mau. Se êle põe em sincero propósito o desejo de emendar-se e melhorar, pode começar desde logo o seu pesado noviciado, resignando-se no seu sofrimento e predicando a resignação aos insofridos. Pode, no meio inferior e penível em que fôr lançado, procurar aconselhar, mover ao arrependimento e à prática de boas acções os que têm em sua volta; e à proporção que vai apostolizando e firmando em sinceras e salutaes bases a sua obra de converso, vai progredindo, vai aliviando êsse pêso, a matéria vai perdendo a sua densidade; e como perde a densidade, vai branqueando a sua côr, e de como branqueia a côr se eleva na escala da perfeição e ascende a regiões mais puras, mais elevadas, mais belas.

Mas se o homem, com o desengano que a morte deu às suas illusões terrenas, ou com a raiva que os sofrimentos, provocados pelas acções que praticou, lhe occasionam, em vez de se arrepender e humilhar, se rebela e prossegue na via dolorosa dessas más acções, então, sendo mau para si, pode ser um bom agente de aperfeiçoamento para os outros. Despenha-se na enorme legião dos anjos caídos, que a lenda chama demónios e vai, por êsses mundos fora, a desempenhar o papel de tentador das almas. Aos avaros, tenta-os na riqueza; aos vaidosos, pela lisonja; aos orgulhosos, pela soberba; aos viciosos, pelo vício que os domina, etc. Entra-lhe na vida por todas as frinchas que encontrar abertas. Se a pessoa tentada, resistindo à sedução, expulsar de si e fechar, após a sua saída, a frincha por onde ela entrou, terá dado um largo passo na sua carreira espiritual e ao tentador uma áspera lição, que o desgostará e punirá; se, ao contrário, se entregar ao deleite da tentação e adormecer docemente embalado nos braços do tentador, grande mal terá feito a si e grande prazer terá dado ao mau inimigo, que se quedará alojado na sua vida como um parasita numa árvore indefesa. Não soube resistir. Não tinha ainda a perfeição moral necessária para condenar o que era mau.

Não suponha o leitor medroso que está desprevenido e abandonadamente sujeito a essas ruins tentações. Ao contrário: está muito bem armado para a sua defensiva.

Em primeiro lugar, e como bem armada cidadela, para a sua defesa tem a sua consciência. E' como sentinela vigilante da sua alma, e ela se encarrega de dar o grito de alarme contra o inimigo, quando êle se aproxima. Depois há o raciocínio para dizer-nos o que é bom e o que é mau; há o instinto sensitivo e artístico para nos indicar o que é belo. Há a inteligência natural de todas as pessoas, a desimpedir-lhes a compreensão e a aferir; por esta, o grau de responsabilidade nos actos que pratica.

Tudo isso são elementos naturais de defesa; são, permite-me a imagem, a guarnição própria e efectiva da cidadela. Há depois elementos adquiríveis, que podem ser poderosos ou fracos, porque são relativos, e partem de causas mais

indirectas e muitas vezes até independentes da vontade de cada um. São os que teem origem no meio em que as pessoas nascem e vivem, os que são oriundos ou supervenientes da educação; os que dependem do melhor ou pior equilíbrio da vontade e da razão; os que se tomam dos exemplos que na vida aí mais se ajustam ao modo de ser de cada pessoa; e, finalmente, há mais, como fôrças a apreciar, ainda que invisíveis à vista incauta, às diligências que os espíritos melhores e abnegados põem sempre em jôgo contra as tramas e redes dos espíritos tentadores. Estas diligências são ainda consoante o modo como as pessoas as recebem e aproveitam, dependendo, portanto, da vontade dos interessados o grau de eficácia que delas pode promanar.

Como se vê, tem cada indivíduo um bem provido arsenal defensivo; e só se deixa vencer pelo desprezo a que votar todos os meios de reagir, que Deus põe, pròdiga e magnânimamente, à sua disposição.

Não é fácil nem possível dar-se, num rápido bosquejo, uma idéa aproximada da vida extraterrena. E' infinitamente mais complexa e mais variada nas suas múltiplas manifestações do que aquela que aí conhecem e usufruem.

Se lhe faltam as exigências materiais e correlativos gozos e desprazeres, tem, incomparavelmente, mais cambiantes por que se aprecie. E nem a ilusão da vida terrena, com as suas materialidades, as suas preocupações, as suas dores físicas, os seus gozos sensuais, todos os seus defeitos morais, todos os seus tormentos, falta; e às vezes, — ai de nós! — notavelmente exagerada.

Há de tudo na baixa materialidade, desde a sensação da fome e da sêde insaciáveis nos glutões, ao roubo nos avarentos de imagináveis tesouros; de ciume nos ciumentos amorosos; na insatisfação de desejos nos viciosos; dos horrores da hora extrema nos suicidas e da persistência dos motivos que os levaram a tentar a libertação pela morte, até ao amor sensual, apaixonado e violento, por pessoas que aí deixaram, ou que aí encontram, já depois de estarem aqui.

Há como que uma outra humanidade terrena que passa e vive junto a vós, que não vêdes, mas que muitas vezes sentis, que goza, vive e sofre convosco. Trabalha convosco. Ajuda-vos ou contraria-vos nas vossas coisas. Dá-vos inspiração, colabora nas vossas obras, guia os vossos passos, anima-vos ou desalenta-vos. Incita-vos nas vossas descobertas; corrige-vos nos vossos defeitos, ou explora-os, se lhes derdes aso a isso. São estas entidades invisíveis que conduzem muitas vezes os acontecimentos na vossa vida por modo a que chamais — o acaso — a providência — a fatalidade.

Estas denominações e outras equivalentes, que vos esfalfais em rebuscar para explicar factos em que verificais uma causa inteligente e apropriada, para que não concorrestes, não representam senão o vosso implícito reconhecimento pela existência e pela acção do mundo invisível que vos rodeia. Este mundo também não obedece ao acaso e à inconstância; segue leis que tendem a um fim — o aperfeiçoamento da humanidade.

Empregam esforços combinados; teem acção estabelecida e cada individualidade tem a sua função própria. Trabalham todos para a mesma resultante, seja qual fôr o modo como trabalhem e o fim, aparentemente divergente, de cada um.

Assim como podem aí os homens amar-se ou guerrear-se, que isso não influirá na lei que regula a rotação da Terra, e a Terra pode tremer ou arrasarse que esses factos não terão influência na lei que faz gravitar os mundos e germinar a vida, assim a humanidade, aí e aqui, pode actuar como à sua vontade aprouver, que isso não impedirá que continue a existir dentro da lei que o Criador lhe assinalou no Universo.

FACTOS SUPRANORMAIS

PORTUGAL

Um pobre jornaleiro de Guimarães resolve problemas de mecânica — Do diário de Lisboa — «O Século» — de 4 de Abril, transcrevemos sob esta epigrafe:

«Um pobre jornaleiro, que trabalha numa serração de madeira desta cidade, tem, últimamente, praticado actos que causam o assombro geral.»

Há alguns anos adquiriu a referida serração de madeiras uma locomóvel, tipo Lanz, que, a-pesar-de nova, nunca chegou a funcionar bem, consumindo muito combustível. Ultimamente, os proprietários ficaram surpreendidos quando viram o pobre jornaleiro ir para junto da máquina, com um aspecto fisionómico diverso do costumado, falando uma língua que não compreenderam, e a dar uma certa disposição a algumas peças e levando uma delas a uma serralheria mecânica, para tornear. Como visse os mecânicos com dificuldades para fazer o serviço que indicava, elle, com uma facilidade extraordinária, torneou a peça e ajustou-a à máquina. Não conhecia um torno e, não sabendo ler nem escrever, tudo ignorava da mecânica. Pôs, porém, a máquina, então, a funcionar com uma precisão admirável e com uma considerável economia no consumo do combustível.»

Dai por diante, teem-se passado factos extraordinários com o mesmo individuo. De tempos a tempos, durante o dia, após umas pequenas contorsões e rápidas sincopes, toma o aspecto fisionómico de várias pessoas conhecidas, já falecidas, falando até com o metal de voz que tinham em vida.»

ESTRANGEIRO

O médium Heinrich Nusslein — As faculdades medianímicas estão tomando um desenvolvimento assombroso em todos os pontos do nosso globo, com o aparecimento de novas modalidades do medianismo espirita. Uma das que nos últimos anos, se tem desenvolvido com incremento e verdadeiro significado artístico, é a faculdade medianímica pictural, cujas exposições nos últimos anos teem merecido a atenção e consagração de artistas consumados.

A «*Revue Spirite*» refere o aparecimento dum outro médium pintor com faculdades análogas às dos já célebres Agostinho Lesage, Marion Gruzewski e Luigi Belloti.

Cabe agora a vez ao alemão H. Nusslein

que fez uma exposição dos seus quadros em Londres com grande êxito.

Semelhantemente ao que se passou com os médiums acima referidos, H. Nusslein sentiu uma irresistível vontade de pintar, e, sem o mais insignificante conhecimento de pintura, produziu algumas telas admiráveis com uma rapidez inaudita.

Bastam-lhe 10 a 30 minutos para cobrir uma tela de grandes dimensões.

Na exposição que fez na «*London Gallery*» apresentou algumas centenas de obras com um admirável cunho artístico que recorda a maneira de alguns grandes mestres do passado, tanto da escola italiana, como da flamenga e alemã.

Nusslein na sua modéstia declara que as obras que executa não são da sua autoria, sendo, apenas, um mero instrumento passivo, inspirado por visões e pelo contacto magnético com desincarnados, falecidos há muitos anos.

Além da mediunidade pictural em que se tem celebrado, produz fenómenos de escrita automática, levitações, etc.

A mais interessante das suas faculdades é, sem dúvida, a que lhe permite mumificar cadáveres de aves, peixes e pequenos mamíferos, para o que é suficiente dar alguns passes magnéticos.

Conserva igualmente por êste processo durante muito tempo, flores cortadas, que se mantem viçosas e odoríferas durante semanas consecutivas.

Uma aparição — Sob êste título, transcrevemos da revista — «*Psychica*» — de Paris, de Abril corrente, um caso de materialização passado no Brasil: — «O Dr. Moreira Pinto, colhendo dados para o seu Dicionário Histórico-Geográfico, foi passar algum tempo a casa dum velho padre católico, seu amigo, na cidade de Lavras, Estado de Minas Gerais.

Uma tarde, tendo abordado a questão da sobrevivência da alma, o padre contou ao Dr. Moreira Pinto que lhe tinha sucedido um facto tão impressionante que jámais poderia esquecer.

Certo dia em que o bom reverendo se encontrava na sacristia da igreja, tranqüilo e despreocupado como sempre, mas só, viu entrar um homem de pouco mais de vinte anos, de fisionomia simpática, desconhecido para êle e que, aproximando-se em corpo e alma, lhe perguntara:

— Padre! Sei que não tendes missa marcada para amanhã, e eu desejava que dissésseis uma por minha alma.

Respondeu-lhe o padre ser isso impossível, porque as missas não se celebravam pelos vivos, mas somente pelos mortos.

— E' precisamente o meu caso, padre. E' amanhã o primeiro aniversário da minha morte, e, como meu pai se esqueceu de mandar dizer uma missa por minha alma, venho pedir-vos o favor de a dizer.

Impressionado por tão estranho visitante, levantou-se assustado o padre e tratou de fugir da aparição que êle julgava demoníaca. Foi para casa, tomou um calmante, mas essa noite não pôde conciliar o sono, pensando na aparição e no seu pedido.

No dia seguinte, ao entrar na igreja, foi-lhe ao encontro o sacristão, e fazendo-lhe entrega da importância duma missa, disse-lhe :

— Faça favor, meu reverendo...

— Que é isto? redarguiu o padre.

— E' a importância da missa que lhe foi ontem encomendada por um homem que o reverendo conhece, — lhe respondeu o sacristão.

Indagando o bom padre, atónito e sobresaltado, dos sinais e fisionomia do homem, chegou à conclusão de que era o mesmo que lhe aparecera na véspera na sacristia e ficou perplexo sem saber o que fazer.

Por fim, recebeu o dinheiro, e, em cumprimento do dever, sem conhecer o nome do devoto, disse a missa pela aparição, tendo na idéa a figura que havia visto e que, segundo lhe afirmou, jãmais se lhe apagará da memória.

Alguns dias depois, apresentou-se-lhe um indivíduo desconhecido, pedindo-lhe para com êle falar particularmente. O padre levou-o para o seu escritório e ali ouviu d'êle a seguinte narrativa :

— Eu venho, meu reverendo, para que me tire duma dúvida que não me deixa dormir várias noites já, e para que me explique um facto que me ocorreu há dias.

— Diga, diga, — lhe respondeu o padre.

— Eu tinha um filho que morreu há um ano. Há poucos dias, quando nem nêle pensava, vi-o entrar no meu quarto, e dirigindo-se a mim, disse-me: — « Papá, perdõe-me haver-lhe tirado dez mil réis do seu dinheiro, mas foi para mandar dizer a missa de aniversário da minha morte, de que o senhor se tinha esquecido ».

Estupefacto, assombrado da visão que desapareceu como por encanto, corri ao móvel onde pouco antes havia deixado de-zassete mil réis e qual não foi a minha surpresa ao encontrar somente sete mil réis, tendo desaparecido o resto.

O padre levantou-se sem dizer uma palavra, foi à mesa, tirou duma gaveta um envelope e de dentro d'êle duas notas de cinco mil réis, uma delas rasgada e colada com

papel gomado de selos. Mostrou-as ao visitante, perguntando-lhe :

— São estas ?

— Sim, sim, meu reverendo, são precisamente estas. Fui eu mesmo que coleí a nota rasgada.

E chorando convulsivamente, repetia : são essas mesmas, meu reverendo !

*

A alta situação social e científica que ocupa no Brasil o sr. Dr. Moreira Pinto, dá-nos a garantia do facto que acabamos de relatar, que só vem confirmar que a ectoplasmia não é apenas um caso de animismo, mas sim, como nesta aparição, um fenómeno, indiscutivelmente, de natureza espírita.

Um sonâmbulo ao serviço da polícia

— « *La Voz* », de Madrid, publicou o seguinte telegrama do seu correspondente de Budapest :

« Em 10 de Julho foi encontrada morta em sua casa de Debrecen a viuva Kiss. Tinha um ferimento na fronte. A Polícia fez investigações, sem resultado, deteve algumas pessoas, pondo-as logo em liberdade.

Passados dias foi a Debrecen um artista de circo, Eugénio Gold e deu algumas sessões de magnetismo e hipnotismo, e como um jornalista lhe contasse o crime que havia ficado impune, êle ofereceu-se à Polícia para descobrir o mysterio.

A Polícia aceitou e no dia 29, à tarde, Gold, acompanhado dum jóvem chamado Lugosi, foi à residência da viuva que pereceu assassinada. Lá se achavam o chefe de polícia e três médicos. Gold hipnotizou a Lugosi e ordenou-lhe que descrevesse a scena do crime.

Este, depois de um estremecimento nervoso e de haver pronunciado frases incoerentes, disse :

« Vejo a Sr.^a Kiss que está sentada num salão. Abre-se a porta e entra uma jóvem que a saúda e pede-lhe dinheiro. Ela nega-se a dar. Então a jóvem vai à cosinha e volta com um pedaço de pau.

« A viuva ergueu-se, mas, nesse momento, recebeu tremendo golpe, que lhe abre o crâneo e mata-a.

« Sem incomodar-se com o cadáver, a jóvem vai à cosinha, toma um pano e limpa as mãos, que tinha manchadas de sangue. Atira fora o pano no depósito de água, esconde o pau no forno do fogão. Depois revista a casa e apodera-se de 600 « pengos » de prata e papel e sai correndo.

« A jóvem é alta, olhos azuis, muito pálida, vestido de mangas curtas, côr de malva ; tem uma sombrinha azul e uns sapatos de couro de anta. »

Terminando esta declaração, Gold despertou Lugosi, que de nada se lembrava do que disse.

O Chefe de Polícia mandou fazer pesquisas e tudo que Lugosi disse foi encontrado, chegando a autoridade ao conhecimento de que a jóvem era uma mecanógrafa vizinha da viuva Kiss, que vivia com um irmão. Este foi detido e disse que sua irmã desde os primeiros dias de Julho se achava muito nervosa e não cessava de chorar.

« Faz oito dias, me disse ela, tenho os nervos abalados e vou fazer uma viagem a ver se melhora. Ela foi a Tirol. »

O Chefe de Polícia telegrafou ás autoridades da dita provincia austriaca, pedindo a prisão da jóvem em questão ».

NOTICIÁRIO

PORTUGAL

A Sociedade Teosófica Portuguesa e o sr. Yvon Costa — Todos aqueles que acompanham, com certo interesse, o movimento espiritualista contemporâneo, registam, com surpresa e pesar, a surda hostilidade, tão incoerente quanto injustificada, que alguns teósofos, num desvairo inqualificável, movem contra o Espiritismo, atestando, assim, a ignorância das leis fundamentais que são comuns a estes dois sistemas espiritualistas, e atropelando os princípios básicos da Organização Estatutária da Sociedade Teosófica.

Esquecendo velhos e modernos agravos, a Federação Espírita Portuguesa, desde o seu início, tem procurado por todos os meios estabelecer uma franca e leal confraternização com todas as correntes neo-espiritualistas portuguesas, procurando sempre ser-lhes útil em todas as emergências, e alguns serviços lhes tem prestado, por vezes, em condições bem difíceis, e, assim, procederá, invariavelmente, na mesma linha de continuidade.

Desvanecidamente, a Federação Espírita Portuguesa tem encontrado a mais leal e espontânea confraternização dos mais eminentes teósofos portugueses, ainda que, na sua maioria, não fazendo parte, por agora, dos Corpos Directivos da Sociedade Teosófica Portuguesa.

Não tendo esta revista carácter algum individualista, mas sim colectivo, como órgão oficial da Federação Espírita Portuguesa, assiste-lhe o indeclinável dever de registar todos os factos que se liguem directamente ao movimento espiritualista português. Se assim não fôsse, o facto que registamos não teria aqui cabimento, a-pesar-de ser público e notório e ter dado margem a acerbos e justos comentários.

Tendo sido acolhido o sr. Yvon Costa com a mais prudente reserva pela imprensa diária de Lisboa e pelo mais completo e significativo silêncio por toda a imprensa espiritualista portuguesa, é, pois, com profundo pesar, que temos o dever de registar nesta revista o facto de ter sido a — *«Isis»* — órgão oficial da Sociedade Teosófica Portuguesa, o único porta-voz da imprensa espiritualista portuguesa que prestou elogiosas homenagens ao sr. Yvon Costa, repudiado pela Federação Espírita Portuguesa, e cujos manejos para desprestígio desta associação e de perturbação no meio espírita de Lisboa não deviam ser desconhecidos dos Dirigentes da Sociedade Teosófica Portuguesa ao franquear-lhe a sua sede e convidá-lo para ali fazer várias conferências.

Fieis aos nossos princípios de confrater-

nização, sem preocupações com as atitudes alheias, venham donde vierem, limitamo-nos a registar o facto sem lhe darmos o devido relêvo, nem mesmo criticar o seu evidente significado.

Não é, evidentemente, sobre a Teosofia ou sobre o Espiritismo, que devem incidir os erros e insuficiências, mais ou menos conscientes, dos seus adeptos e representantes.

O Ideal de todas as correntes neo-espiritualistas flutua sempre muito além da linha de conduta dos seus melhores adeptos, e muito acima das vaidades e egoísmos em que se debatem as paixões e os mesquinhos interesses humanos no ciclo de atraso moral em que se encontra ainda a nossa desvairada Humanidade no seu eterno progredir.

Processos lamentáveis — Lançando a perturbação nos trabalhos experimentais da Federação Espírita Portuguesa, alguns indivíduos, bem ou mal intencionados, veem, ultimamente, procurando aterrorizar os *médiuns*, dizendo-lhes que não devem frequentar as sessões espíritas onde correm graves perigos, pois ali só são actuados por *espíritos da natureza, cascas, sombras, elementais* e quejandas fantasmagorias, indemonstráveis à face do método positivo, com que alguns pretensos teósofos procuram deturpar e denegrir o alto significado experimental do Espiritismo, génese e ponto de apoio básico da renascença neo-espiritualista contemporânea.

Este maligno processo já deu resultado para um dos melhores *médiuns* que, por este motivo, deixou de continuar a trabalhar na Federação Espírita Portuguesa.

Será desnecessário dizer que durante mais de setenta anos de experimentalismo espírita e metapsíquico, universalizado em todos os países do globo, onde muitas dezenas de sábios e de investigadores de renome mundial tomaram parte activa, **nem uma só vez** foi registada pela vidência natural ou hipnomagnética, com ou sem desdobraimento e exteriorização, ou ainda por outros processos de observação, **a presença nas sessões espíritas** de espíritos da natureza, cascas, sombras, elementais e outras ficções macabras da fauna astral, aliás complexa e variada.

Não pode haver um teósofo culto que desconheça os inúmeros fenómenos espíritas que rodearam a vida de M.^{me} Blavatski, médium de grandes e variadas faculdades.

Toda a sua obra monumental — onde presta as mais justas homenagens ao Espiritismo — foi produzida *medianicamente*, sendo o coronel Olcott quem corrigia os escritos *medianímicos* que a ilustre fundadora e sistematizadora da Teosofia escrevia *vertiginosamente* em inglês, quando os seus

conhecimentos daquela língua e a sua cultura científica e filosófica, ainda que invulgar, eram manifestamente insuficientes e incapazes de produzir uma obra tão vasta e profunda, desde os seis grossos volumes da «*Doutrina Secreta*» aos três volumes da «*Isis sem Veu*», que os mais eminentes polígrafos e orientalistas não seriam, talvez, capazes de produzir. Ainda hoje a obra colossal de Blavatski é um mistério, só compreensível à face do Espiritismo.

Assim, a Teosofia foi elaborada por via espírita e podemos até afirmar, sem receio de desmentido, que no seu início só foi subsidiada pecuniariamente por espiritas norte-americanos na mais louvável camaradagem e espírito de confraternização, a que não tem sabido corresponder condignamente um certo número de pretensos teósofos, talvez mais ignorantes do que culposos.

Federação Espírita Brasileira — Esta prestigiosa associação espírita, máximo expoente do movimento espírita federativo do Brasil, teve a grata gentileza de participar a esta Federação a nomeação dos seus novos Corpos Directivos, assim constituídos:

Presidente — Almirante Francisco Vieira Paim Pamplona; *Vice-Presidente* — Manuel Quintão; *1.º Secretário* — Artur Rosenburg; *2.º Secretário* — Dr. Luís Olímpio Guillon Ribeiro; *Tesoureiro* — Joaquim Alves Cardoso; *Procurador* — Manuel Jorge Gaio; *Director da Assistência aos Necessitados* — Capitão de Corveta João Luís de Paiva Júnior; *Administrador da Livraria* — António Alves da Fonseca; *Gerente do «Reformador»* — Américo Lopes Vieira.

Irmanados pelo mesmo Ideal, pelas mais lídimas tradições históricas, pelas afinidades étnicas e ráticas que um heróico e maravilhoso passado histórico eternizou numa epopeia luminosa de valor e de nobreza, para a nova Direcção da Federação Espírita Brasileira vão as melhores homenagens de confraternização da Federação Espírita Portuguesa e de afectuoso reconhecimento pelos relevantes serviços prestados a esta Federação pelos nossos dedicados Confrades Brasileiros.

NOTÍCIAS DIVERSAS

No próximo mês de Junho recomeçarão os trabalhos experimentais na sede da Federação Espírita Portuguesa, convenientemente regulamentados.

— Por deliberação da Comissão Directiva desta revista, deixou de fazer parte da sua redacção a senhora D. Maria Veleda.

— Por deliberação da respectiva Direcção, de 15 de Junho próximo em diante, só é permitida a entrada de sócios na sede da Federação Espírita Portuguesa com a apresentação do seu cartão de identidade e cotas relativas a um dos três meses imediatamente anteriores. Quando se façam acompanhar de algum visitante, os sócios devem fazer a

devida e imediata apresentação a um dos Directores presentes, ou a quem represente a Direcção, dirigindo-se, para êsse efeito, à Secretaria.

ESTRANGEIRO

Ecoss do III Congresso Internacional de Investigações Psíquicas — O n.º 5 desta revista, relativamente ao ano p. p., ocupou-se desenvolvidamente deste memorável Congresso realizado em Paris, em Setembro e Outubro p. p., redundando numa admirável consagração para o Espiritismo.

Nêles tomaram parte activa celebradas científicas da Europa e da América, desde os eminentes professores, Drs. Charles Richet, E. Osty, Hans Driesch, Oliver Lodge, F. Cazzamali, A. Messer, D. Fischer, Kroner, Ezio Luisada, etc., até aos engenheiros, R. Desoile, Lebedzinski, Mikuska e aos notáveis médicos Drs. Reitz, J. Maxwell, etc.

A imprensa diária do velho e novo mundo deu o devido relêvo ao triunfo que resultou deste importante Congresso para a hipótese espírita, única compatível com a explicação racional da fenomenologia metapsíquica.

Um único congressista, o sr. René Sudre, combateu abertamente a hipótese espírita, excluindo o «Mundo dos Espíritos», mas admitindo, em compensação, o «Mundo do Espírito». A esta subtilidade capciosa respondeu o eminente Professor de sciências filosóficas da Universidade de Leipzig, Dr. Hans Driesch, dizendo que — «talvez o «Mundo do Espírito» do sr. René Sudre comporte vários «Mundos de Espíritos».

Finalizemos com a lúcida observação do ilustre Professor da Faculdade de Filosofia da Universidade de Bonn, Dr. Joh Verweyen: — «O contacto experimental com bons médiuns convence os scépticos mais facilmente do que a leitura dos melhores livros espíritas».

Por falta de espaço não publicamos a «Subscrição Pró-Federação Espírita Portuguesa» e a «Subscrição de Propaganda», que serão publicadas no próximo número, limitando-nos a agradecer os importantes donativos já recebidos :